

2

O estado da questão

2.1

A pesquisa Apocalíptica e o Apocalipse de São João

2.1.1

J.J. Collins

Após o exaustivo trabalho dos pesquisadores em torno da complexa questão que envolve o âmbito da apocalíptica no seu amplo contexto, J.J. Collins, entre os anos 75 e 78, coordena uma equipe de trabalho com o objetivo de delinear uma possível definição do gênero apocalíptico presente nos textos bíblicos e extra-bíblicos⁴⁵.

O resultado desse estudo averigua a existência de elementos essenciais, constantes e invariáveis com os quais foi possível traçar uma descrição das características desse gênero. Dessa maneira, pode-se estabelecer uma definição clara e precisa do gênero apocalíptico:

“Apocalipse é um gênero da literatura reveladora, com um/a composição/formato narrativo no qual a revelação é mediada por outro mundo, tendo um receptor humano, que desvenda e re-vela a realidade transcendente, ambos temporais, com uma visão escatológica de salvação e espacial, que envolve o mundo sobrenatural⁴⁶”.

⁴⁵Os membros da equipe coordenada por J.J. COLLINS – HAROLD W. ATTIDGE; FRANCIS T. FALLON; ANTHONY J. SALDARINI; ADELA YARBRO COLLINS. Os estudos foram desenvolvidos entre 1975-1978. Além desse magnífico trabalho, destacamos ainda outras obras do autor: COLLINS, J.J., *Apocalyptic eschatology as the Transcendence of Death*, **CBQ** 36, 1974, 21-43; Idem, *Apocalyptic literature*, KRAFT, R. A. e NICKELSBURG G.W.E. (ed.), *Early Judaism and its Modern Interpreters*, Atlanta, Scholars Press, 1984, 345-370; COLLINS J.J., e CHARLESWORTH J.H. (ed.), *Mysteries and Revelations: Apocalyptic studies since the Uppsala Colloquium*, **JSPSupp** 9, Sheffield, JSOT, 1991; COLLINS, J.J., *Apocalypses and Apocalypticism: Early Jewish Apocalypticism*, **ABD**, Vol. I, 1992, 282-288, Idem, *The Apocalyptic imagination: an introduction to the Jewish Matrix of Christianity*, New York, Crossroad, 1984.

⁴⁶COLLINS, J.J., *Introduction: towards the Morphology of a Genre*, **Semeia** 14, 1979, 1-20. *“Apocalypse is a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality which is both temporal, in so far as it envisages eschatological salvation, and spatial, in so far as it involves another, supernatural world”.*

Fundamentado nessa pesquisa, J.J. Collins propôs a existência de dois estilos presentes nos apocalipses: 1. Aquele que reflete o arrebatamento do vidente ou da visão para o outro mundo; 2. Aquele que se insere na história. Essa última pode ser descrita em três tópicos: a) O apocalipse dentro da visão histórica; b) O apocalipse marcado por uma visão do cosmo ou de uma política escatológica; c) O apocalipse plasmado na escatologia pessoal.

J.J. Collins dialoga com seus opositores, isto é, aqueles que defendem a ‘resistência à definição’ do gênero apocalíptico. Um exemplo de tal oposição é A. Fowler⁴⁷, que afirma: “*O gênero é um código cultural que está anexado a outros códigos culturais, assim a apreciação de um gênero implica a precisão de situá-lo em seu contexto histórico e cultural*”⁴⁸. Para Collins, é inaceitável tal postura, sobretudo porque nos textos apocalípticos bíblicos e extra-bíblicos foi possível detectar elementos nodais do gênero apocalíptico. Esse mesmo posicionamento de J.J. Collins é refletido na negação da proposta de E.J.C. Tiagchellar⁴⁹, que, mais duro ainda, qualifica-a como uma aproximação a-histórica⁵⁰.

Nesse vasto campo dialético sobre o gênero apocalíptico, obras de autores, como P. Sacchi⁵¹, G. Baccaccini⁵², J.H. Charlesworth⁵³ (ed), têm contribuído, nas últimas décadas, para a elucidação dessa questão, sem, contudo, restringir-se à definição de apocalipticismo e apocalipse, conceitos apresentados sem a devida relação, produzindo enunciados desconexos por toda pesquisa⁵⁴.

O decorrer dos tempos, bem como dos acirrados debates nesse período, levou J.J. Collins a pontuar alguns elementos desse gênero⁵⁵. Entre eles, pode-se

⁴⁷FOWLER, A. *Kinds of literature: Na introduction to the theory of Genres and Modes*, Cambridge, Harvard University, 1982.

⁴⁸FOWLER, A. Op. cit., p. 149-212.

⁴⁹TIGCHELAAR, E.J.C., *More on Apocalyptic and Apocalypses*, **JSJ** 18, 1987, 137-144.

⁵⁰COLLINS, J.J. *Genre, Ideology and Social Movements in Jewish Apocalypticism*, in J.J. Collins – J.H. Charlesworth (ed.), *Mysteries and Revelation: Apocalyptic studies since the Uppsala Colloquium*, Sheffield, JSOT, 1991, 12-20.

⁵¹SACCHI, P., *L'Apocalittica judaica e la sua storia*, Brescia, Paidéia, 1990.

⁵²BACCACCINI, G., *Jewish Apocalyptic Tradition: the contribution of Italian Scholarship*, In Collins, *Genre, Ideology and Social Movements in Jewish Apocalypticism*, in J.J. Collins – J.H. Charlesworth (ed.), *Mysteries and Revelation: Apocalyptic studies since the Uppsala Colloquium*, Sheffield, JSOT, 1991, 33-50.

⁵³J.H. Charlesworth (ed.), *Mysteries and Revelation: Apocalyptic studies since the Uppsala Colloquium*, Sheffield, JSOT, 1991.

⁵⁴É preciso salientar a falta de consenso entre os pesquisadores, em particular, sobre a proposta de definição. Entre os contestadores, podemos citar L.L. Hartman e E.P. Sanders.

⁵⁵COLLINS J.J. (ed.), *Apocalypse: the morphology of a Genre*, in **Semeia** 14, Missoula, Scholars, 1979.

citar a presença do modelo paradigmático⁵⁶. Esse modelo permite delimitar as características dos textos chamado apocalipses: a) o modelo do eixo temporal; b) o modelo do eixo celestial/espacial. Contudo, restringir a investigação apenas a esses dois aspectos seria, em si, uma discrepância à pesquisa. Ao constatar esse vácuo, pesquisadores passam a investigar os textos apocalípticos oriundos do contexto judaico, cristão e gnóstico, com objetivo de superar essa lacuna. Para tal tarefa, duas perspectivas metodológicas foram aplicadas, ou seja, a investigação pontua a forma e o conteúdo desses textos. Porém, mesmo com esses avanços, ainda há a necessidade de um estudo que contemple o caráter funcional do texto, sobretudo, porque pouco se sabe de seu contexto social, pois, em muitos apocalipses, impossibilita-se evidenciar o seu ‘Sitz im Leben’⁵⁷.

Para J.J. Collins, a perspectiva de fé da comunidade primitiva, em sua relação com a apocalíptica, foram canais propulsores de uma ação criativa sobre o conjunto do Apocalipse, em especial, do apocalipse joanino. Essa relação destaca-se, sobretudo, na ênfase dada à tensão escatológica. Provavelmente sedimentaram as condições favoráveis de uma composição ‘modelar’ do Apocalipse; mais ainda, esse impacto é inegavelmente marca do dinamismo narrativo do movimento profético. Dentro desse conjunto, o Apocalipse joanino insere-se e é influenciado pela tradição bíblica, seja com as visões cósmicas, seja com os oráculos proféticos, em particular, aqueles apocalipses do dia do julgamento, ou até mesmo pela noção de um conselho divino que se encontra em paralelismo com as idéias apocalípticas de julgamento escatológico e do seu interesse pelo mundo sobrenatural⁵⁸.

Em suma, para J.J. Collins a presença dos elementos proféticos na origem dos textos apocalípticos é aceitável, mesmo ciente da complexidade que engloba toda a relação entre profecia, sabedoria e apocalíptica. Embora seu trabalho represente um significativo avanço nas pesquisas, ainda hoje, se percebem algumas lacunas que, de certa forma, foram retomadas posteriormente. Entre elas, sobressaem a intrigada relação da função do gênero apocalíptico, bem como a

⁵⁶COLLINS J.J., Op. cit., p. 1-20.

⁵⁷COLLINS, Y.A. (ed.). *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social setting*, **Semeia** 36, 1986, p. 13-64.

⁵⁸COLLINS, J.J., *Apocalypses and Apocalypticism: Early Jewish Apocalypticism*, ABD, I, 282 – 288, esp. 284; VON RAD, G., *Wisdom in Israel*, Nashville, Abingdon, 1972, 263-283.

ausência de um estudo que aprofunde a compreensão hermenêutica do gênero e sua relação com o Apocalipse joanino.

2.1.2

D. Hellholm

D. Hellholm⁵⁹, em sua proposta, tem como base o ‘text-linguistic methodology’ – esse princípio é semelhantemente ao desenvolvido na Alemanha, duas décadas antes.

A discussão e análise são extremamente complexas, porém os resultados desse trabalho são significativos para os textos neotestamentários; a estrutura formal lingüística (sintagma) não tem em si (intrínseco) significado de sentido (pragmático).

D. Hellholm se propõe a investigar a macro-estrutura-sintagma, inserida em dois imprescindíveis e complementares passos na análise dos textos:

1. a divisão do texto em estruturas compostas, em níveis de comunicação (o aspecto pragmático);
2. a divisão estrutural do texto em seqüência (o aspecto semântico).

A comunicação dos níveis ocorre em dois tipos: a) o externo ao texto (entre o remetente e o receptor/autor e o leitor/ouvinte); b) o interno ao texto (entre o *dramatis personae*). Assim, a seqüência do texto é sinalizada por vários tipos de referências que desvelam o intercâmbio entre os ‘mundos’ – histórico e a-histórico: 1. Episódio marcado que indica tempo e mudança de tempo, localiza-se e realocaliza-se; 2. Mudanças de agrupamentos de fatores; 3. ‘Renominalização – isto é, em um ato refere-se por meio do pronome; esse mesmo ato é reintroduzido

⁵⁹HELLHOLM, D. (ed.), *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, Mohr, 1983. Essa obra é fruto de uma investigação profunda de exaustivos trabalhos durante longos anos. Ela é a síntese dos avanços e perspectivas frente à temática, isto é, à compreensão e à expansão dessa literatura nas relações interdisciplinares, mas, sobretudo, no mundo exegético. Outras obras merecem ser aqui citadas, tais como: Idem, *The problem of Apocalypticism genre and the Apocalypse of John*, COLLINS Y.A. (ed.), *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social setting*, **Semeia**, **36**, 1986, 13-64; HELLHOLM D., *Methodological reflections on the problem of definition of generic texts*, in COLLINS J.J. e CHARLESWORTH J.H. (ed.), *Mysteries and Revelations: Apocalyptic studies since the Uppsala Colloquium*, Sheffield, JSOT, 1991, 135-163. Outra magnífica obra editada nesse período é o trabalho de LAMBRECHT J. (ed.), *L’Apocalypse johannique et l’Apocalyptique dans le Nouveau Testament*, Leuven, Leuven University, 1980.

com um substantivo ou nome; 4. Advérbios e conjunções que relatam as causas para um ou outro.

A identificação dos níveis de comunicação e a seqüência do texto juntos constituem a estrutura macro. A partir desse pressuposto, D.Hellholm apresenta sua análise, sobre a estrutura composta dos dois níveis no Ap. de João, em cinco tópicos:

1. Prólogo – funcionando como título;
2. Prescrição epistolar
 - Principal parte reveladora;
 - Epílogo na forma de uma visão confirmada por Cristo;
 - Breve pós-escrito epistolar;
3. Revelação sem a viagem ao outro mundo
 - Revelação com uma viagem ao outro mundo;
4. Subida em espírito
 - Informe do visionário;
5. Introdutório em relação à revelação
 - Mensagem na forma escrita
 - Mensagem às sete igrejas – separadamente
 - Revelação sumária da escritura exterior e a principal revelação como escritura interior

À guisa de conclusão, emerge um outro problema: como precisar a relação entre essas duas aproximações (a sintagmática e a paradigmática) para formular uma definição do gênero Apocalíptico? Como compreender a análise sintagmática inserida na estrutura de uma descrição paradigmática desse gênero? Quais são as dificuldades em determinar o seu elemento constitutivo?

2.1.3

E.S. Fiorenza

A autora E.S. Fiorenza⁶⁰, ao estudar o fenômeno da apocalíptica, nota a ausência de um estudo específico e sintético na ótica da apocalíptica cristã primitiva. Ela constata que a tese de E. Käsemann, “apocalíptica como a mestra da teologia cristã primitiva⁶¹”, e a obra de K. Koch, “*Ratlos vor der Apokaliptik*⁶²”, apresentam as discussões sem produzir uma síntese avançada da problemática ou gerar um consenso sobre a delimitação e evolução do fenômeno no cristianismo primitivo.

O caráter apocalíptico do NT. e dos seus autores tem sido fonte de numerosas análises individuais, sobretudo, na inter-relação com os aspectos da escatologia primitiva cristã. Essa tem contribuído significativamente na melhor compreensão da apocalíptica cristã primitiva. Porém, as mentalidades em que se desenvolvem esses estudos não apresentam um caráter inovador ou relevante, uma vez que, do ponto de vista histórico da religião, o fenômeno da apocalíptica cristã primitiva é inexistente. Assim sendo, a apocalíptica cristã primitiva, enquanto texto é expressão captada e adaptada da apocalíptica judaica, não constituindo, portanto, um fenômeno independente.

Para Fiorenza, a obra de P.Vielhauer⁶³ é um exemplo clássico dessa apropriação, pois define a apocalíptica cristã primitiva como uma expressão da escatologia judaica, sendo produto semelhante de um sincretismo-cultural sob o impacto do helenismo.

Diante dessa realidade, Fiorenza constata a ausência de um estudo que investigue os textos neotestamentários sob a ótica da apocalíptica cristã primitiva como um fenômeno ‘sui generis’. Para tal empreitada, deve-se apoiar no único texto apocalíptico inserido no cânon cristão, ou seja, o livro do Apocalipse de

⁶⁰FIorenza E.S., *The Phenomenon of Early Christian Apocalyptic. Some reflections on Method*, in HELLHOLM D., *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1983, 295-315.

⁶¹KÄSEMANN E., *The beginnings of Christian Theology*, **JTC 6**, 1969, 17-46

⁶²KOCH, K., *The rediscovery of Apocalyptic: A polemical Work on a Neglected área of biblical studies and its damaging effects on theology and philosophy*, Naperville, A.R. Allenson, 1972. (Trad. Al. *Ratlos vor der Apokaliptik*, Gütersloh, 1970).

⁶³VIELHAUER, P., *Apocalyptic in Early Christianity. Introduction*, in HENNECKE, E. - SCHNEEMELCHER, W. (ed.), *New Testament Apogrypha*. Vol II, Philadelphia, 1965, 608-642; Idem, *Geschichte der urchristlichen literature*, Berlin, 1975, 485-528.

João, que se enquadra perfeitamente na perspectiva apocalíptica cristã primitiva, devido à sua linguagem e sua conjuntura escatológica de imagens.

Para E.S. Fiorenza, a pesquisa de Betz⁶⁴ propõe, na verdade, uma análise da tradição histórica combinada com a fenomenologia. Essa análise poderia trazer melhores resultados à pesquisa da apocalíptica em sua amplitude, buscando, dessa maneira, desvendar a verdadeira compreensão do fenômeno apocalíptica cristã primitiva. Ela considera, contudo, o itinerário precário para alcançar o objetivo, que é demonstrar o caráter ‘inovador’ e ‘aproximação frutuosa’, sobretudo, por permanecer aberta a questão: Por que eles usaram ou por que eles não quiseram descrever a apocalíptica cristã primitiva como uma peculiar constelação dentro do sincrético fenômeno apocalíptico inserido no mundo greco-romano?

O texto apocalíptico vem, muitas vezes, associado ao escrito revelador ou à designação do mundo dos textos, em seu nexos com a tradição histórica, sendo tal aproximação objetivada por delinear a origem histórica e o desenvolvimento da apocalíptica. Nessa perspectiva, os pesquisadores coordenados por J.J. Collins indicaram a existência de 36 textos apocalípticos, por apresentarem os elementos adequados à definição⁶⁵. Divergindo do número, E.S. Fiorenza considera a quantidade de seis textos, por esses poderem ser datados dentro dos dois primeiros séculos da era cristã⁶⁶. O Apocalipse, em sua descrição da jornada celeste, difere das outras literaturas similares, inclusive não é pseudônimo e sua estrutura literária insere-se no contexto histórico. Desse modo, o Ap de João está descentralizado nos paradigmas sistemáticos do gênero. “Ap de João é escritura na forma de carta apostólica⁶⁷”.

Diante desse vasto campo tipológico do gênero apocalíptico, a literatura do fenômeno apocalíptico cristão primitivo emerge somente no tempo tardio do cristianismo primitivo, sendo, contudo, inaceitável no primeiro momento. A

⁶⁴BETZ, H.D. *On the problem of the religio-historical understanding of Apocalypticism*, **JTC 6**, 1969, 134-154, o “*apocalipticismo cristão é inquestionavelmente algo novo comparado com o apocalipticismo judaico, e é este caráter inovador que precisa ser determinado*”.

⁶⁵Os textos foram escritos entre 250 a.C. - 250 d.C.. Desta forma, foi possível detectar e distinguir basicamente dois tipos de Apocalipse: a) O composto por uma viagem ao outro mundo; b) O composto na perspectiva histórica na qual se encontra o autor. Ainda dentro desses textos selecionados, 24 encontram-se dentro dos parâmetros paradigmáticos estabelecidos, os outros 12 restantes apresentam ausência de alguns elementos.

⁶⁶FIorenza, E.S. Op. cit., p. 298 “*Rev. (Apocalipse de João); Ap. Pet.; (Pastor de Hermas); The fragmentary Book of Elchasai, 5 Ezra 2,42-48 and Asc. Isa. Can be called Christian and dated with reasonable probability into the first two centuries CE*”.

⁶⁷Ibid., p. 299.

análise tem, como base, a estrutura do mundo das idéias (Vorstellungswelt) e a estrutura ‘modelar’ que retorna em diversos contextos. Contudo, o Apocalipse de João extrapola essa linha, por ser um escrito que possibilita estabelecer o centro cultural característico do gênero literário apocalíptico; mais ainda, porque essa análise não deve ser a única fonte do caráter literário a iluminar um Apocalipse, seja na sua individualidade seja nas peculiaridades próprias da apocalíptica em que estão inseridos os textos pertencentes a determinados contextos cultural-religiosos, sendo incapazes, portanto, de traçar o desenvolvimento histórico do gênero no seu conjunto ou de particulares aspectos.

Os conteúdos da estrutura ‘modelar’ são derivados da situação concreta do texto, bem como a familiaridade do autor com os escritos neotestamentários. Eles podem ser explícitos ou implícitos, isto é, o autor faz alusão ao texto de maneira direta ou indireta, refletindo, na verdade, uma prática comum nesse período. Considerando, sobretudo, a intenção do autor ao escrever uma nova composição que se desenvolvem a partir de seu estilo antropológico e estrutural, esses dois aspectos se entrelaça nas formas⁶⁸.

A análise da apocalíptica cristã primitiva, portanto, tem sido complementada por dados oriundos da fenomenologia literária na sua delimitação e classificação em pequenas unidades apocalípticas e escatológicas⁶⁹. A expectativa da parusia e o começo do julgamento do ‘Filho de Homem’ aparecem como marca dominante: o ‘Dia do Senhor’ e o ‘julgamento’ são entrelaçados e estão fortemente presentes nos textos cristãos. Então, a perspectiva de ‘Tempo de Salvação’ reaparece como elemento motivador de toda a expectativa apocalíptica cristã primitiva. Os motivos apocalípticos e a imagem salvífica são inadvertidamente aplicados ao futuro de forma exclusiva, porém deve ser corrigida, visto que tais elementos são empregados para relatar a situação presente de Cristo e dos cristãos, com o objetivo de fortalecer a presença dos tempos (passado-presente-futuro) que circulam com muita força na tradição apocalíptica cristã primitiva⁷⁰.

A estrutura ‘modelar’ literária e os motivos demonstram que os textos apocalípticos são comuns na literatura cristã. Embora os Apocalipses judaicos

⁶⁸PATTE, D., *Early Jewish Hermeneutics in Palestine*, **SBLDS 22**, 1975, 172s.

⁶⁹HARTMAN, L., *Prophecy interpreted. The formation of some Jewish Apocalyptic texts and of the eschatological discourse*, **CBNT 1**, 1966, 28-49.

⁷⁰ROLLINS, W., *The New Testament and Apocalyptic*, **NTS 17**, 1970, 454-476.

igualmente manifestem interesse pela oratória/parênese, o elemento parênético aparece, de maneira enfática, na apocalíptica cristã primitiva.

A proximidade da visão apocalíptica no Apocalipse de João se assimila por introduzir as mensagens parênéticas. Os escritos cristãos freqüentemente utilizam o modelo ‘apocalíptico’ - escatológico como parênese. Esta ênfase sobre a parênese possibilita ver na apocalíptica cristã a expressão da profecia primitiva cristã, sem, contudo, negar a intencionalidade do autor. Até mesmo porque o autor não se concebe como profeta, mas, sobretudo, porque compreende a sua composição como um livro profético, possibilitando, assim, uma conexão com suas fontes, em particular, com aquelas que refletem a tradição profética do cristianismo primitivo⁷¹.

A vinculação entre a profecia e apocalíptica cristã primitiva parece corresponder ao mesmo fenômeno religioso, ou seja, trata-se de uma mesma esfera. Com isso, estabelecem-se os caminhos a ser trilhados e se constata a enorme probabilidade de uma conclusão positiva na qual a estrutura modelar e os motivos devem ser compreendidos no conjunto do N.T., eliminando quaisquer possibilidades dicotômicas entre essas duas fontes⁷².

A análise literária fenomenológica dos textos da apocalíptica cristã primitiva reflete, por um lado, uma intrínseca continuidade com a literatura judaica apocalíptica; por outro lado, a análise do gênero da apocalíptica cristã primitiva é tardia e nela encontram-se apenas aspectos limitados à apocalíptica neotestamentária.

A discussão da estrutura fenomenológica tem sublinhado que a apocalíptica cristã primitiva é não só uma ação desse modelo: tradição, motivos e linguagem com o judaísmo e com o mundo greco-romano em seus textos apocalípticos, mas também pode dar o diferencial em sua ênfase com certos motivos das marcas culturais. A mais significativa diferença consiste em seus elementos aplicativos e motivos do modelo tradicional da apocalíptica, sem

⁷¹FIorenza, E. S., *Composition and structure of the Revelation of John*, **CBQ** 39, 1977, 344-366, em esp. p. 350-366; Idem, *Apokalypsis and Propheteia. The Book of Revelation in the Context of Early Christian Prophecy*. In LAMBRECK, J. (ed.), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans le Nouveau Testament*, (BETHL 53), Gembloux, 1980, 105-128;

⁷²FIorenza, E. S., *The Phenomenon of Early Christian Apocalyptic. Some reflections on Method*, p. 298-310.

restringir-se à expectativa do futuro, mas, sobretudo, para o presente e o passado de Cristo e dos cristãos⁷³.

A inter-relação da apocalíptica judaico-cristã no âmbito histórico, bem como a sua continuidade tradicional dos elementos primordiais, possibilita não apenas sublinhar os elementos similares, mas também pontuar a diferença dessa relação⁷⁴.

Para Fiorenza, a apocalíptica cristã primitiva deriva sua noção central da ressurreição judaica, mas insiste que a ressurreição de Cristo – fim dos últimos tempos – a qual os cristãos compreendiam como uma comunidade de salvação escatológica. Assim, os cristãos diferem dos judeus e gnósticos – por sua desesperança do mundo e da história (literatura), mas entende o presente como tempo de salvação.

Desde os longínquos trabalhos dos autores Weiss e Schweitzer, a distinção entre forma e conteúdo, linguagem e natureza estão presentes nas discussões da apocalíptica cristã. Esses autores, em seus estudos, procuram demonstrar a influência apocalíptica no contexto de Jesus. Isso levaria a afirmar que a linguagem escatológica expressa o real significado do conceito apocalíptico com seus simbolismos e imagens que se tornou a marca da mensagem de Jesus.

A distinção entre linguagem escatológica e apocalíptica tem assumido um caráter normativo nas discussões teológicas. Comumente a apocalíptica é identificada com o pensamento judaico, sendo, contudo, usada no sentido pejorativo. Por sua vez, a escatologia é compreendida em referência às ‘coisas últimas’, sobretudo em relação ao seu conteúdo; por isso, ela é diferenciada das idéias e imagens apocalípticas, o que gera uma conceituação dicotômica entre essas duas linguagens. O conceito escatológico, então, é destemporalizado⁷⁵. Os textos

⁷³ FIORENZA, E.S., Op. cit., p. 302.

⁷⁴ SCHMITHALS, W., *The Apocalyptic Movement*, Nashville, 1975, 49; 108. Para esse autor, o ‘movimento apocalíptico’, em sua aproximação, apesar da forte presença da análise sociológica, guia-se mais pelo campo fenomenológico – ao discutir ‘thought-world’ – o mundo do pensamento. Além disso, centraliza-se no específico ponto de vista apocalíptico, com um olhar exclusivo, que o compreende como o único fenômeno religioso a expressar sua visão do mundo, da existência humana histórica e a-histórica, apoiada na mudança da incondicionalidade negativa ao aspecto absoluto positivo, tornando possível a doutrina dualista dos dois tempos. Neste ponto, apocalíptica devocional – é ciente de que a realidade e mundo foram criados bons, mas esses são, na perspectiva histórica, completamente corrompidos.

⁷⁵ FIORENZA E.S., Op. cit., p. 304: “While Apocalyptic is often used in a pejorative sense, eschatology is understood with reference to things eternal and the real content of eschatology is strictly differentiated from the crude ideas and images of Apocalyptic. The concept of eschatology, thus destemporalized”.

neotestamentários expressam o acontecimento escatológico apocalíptico ligado ao futuro, mas também, de certa forma, estão já em algum sentido presente em Cristo e na comunidade cristã⁷⁶.

Para E.S. Fiorenza, os autores parecem continuar na linha dicotômica entre apocalíptica e escatologia. A análise literária fenomenológica, com o seu impacto sobre a perspectiva primitiva cristã na estrutura literária dos textos neotestamentários, tem suscitado uma nova prospectiva de ordem nas funções narrativas religiosas. Ao estabelecer uma ordem diante do caos, emerge o desejo da presença divina, então a ‘esperança’ por um futuro promissor torna-se o foco da história religiosa.

A narrativa apocalíptica tem a função de transportar os leitores/ouvintes para a direção do futuro e de confirmar a esperança de que nesse futuro Deus será seu vingador. A visão apocalíptica não apenas tem determinado a forma do Apocalipse, mas também de outros textos neotestamentários. Nessa perspectiva, as três formas se tornam a tensão entre as duas funções da narrativa religiosa, isto é, a que representa o passado e a que direciona ao futuro. A combinação entre as duas funções narrativas reflete a tensão entre o julgamento de Deus em Jesus e a desesperança (o não cumprimento da esperança) dentro da perspectiva da apocalíptica cristã primitiva.

Essa tensão torna-se mais significativa quando vista a partir da interpretação literária do Apocalipse de João. Na forma apocalíptica, nota-se constante a presença da pseudonomia e a ausência de uma profecia ‘ex eventu’. Entretanto, no Apocalipse de João encontram-se evidências da autoria e da presença expressa de uma profecia. Esses dados distinguem-no dos outros apocalipses judaicos ou dos apocalipses cristãos tardios. Dentro desse quadro, alguns estudiosos têm argumentado que a estrutura epistolar do Apocalipse de João não é uma composição acidental, mas um importante elemento no seu conjunto, sendo a mesma uma significativa marca do livro profético cristão⁷⁷. A narrativa se desenvolve dentro da dinâmica da promessa e do julgamento. Esse

⁷⁶ FIORENZA, E.S., *Eschatology of the NT*, **IDBSup**, Nashville, 1976, 271-276;

⁷⁷ COLLINS, J.J. *Pseudonymia, Historical reviews and the genre of the Apocalypse of John*, **CBQ** **39**, 1977, 329-343. esp. p. 342. “a perspectiva de fé na comunidade primitiva e a apocalíptica tiveram um criativo impacto sobre a estrutura e composição do Ap de João entre ‘já’ e ‘ainda não’, o que provavelmente criou as condições de composição desse modelo de Apocalipse. O movimento básico narrativo é representado pelo movimento profético”.

movimento é interrompido com hinos ou visões escatológicas de proteção, salvação e interlúdio (Ap 7; 10,) ⁷⁸.

A ‘desapocaliptização’ do impacto de suas perspectivas e imagens tem sido sugerido por alguns estudiosos. No entanto, essa proposta desqualifica a apocalíptica cristã primitiva, pois a mesma seria compreendida como profética. Dessa forma, ela é derivada não da apocalíptica judaica, mas concebida em analogia com os clássicos profetas do AT ⁷⁹. Tal perspectiva se enraíza na aproximação com a sociologia do conhecimento ⁸⁰.

Se, em um criativo centro da fé primitiva cristã, é vivida a experiência no Senhor ativo na comunidade, então os tradicionais elementos e linguagem da apocalíptica judaica tornam-se o centro e assumem uma nova sistematização ⁸¹.

A literatura apocalíptica cristã primitiva não é apenas uma visão antecipada dos últimos acontecimentos, mas a proclamação escatológica da salvação e do julgamento vista e vivida no anúncio do profeta cristão. O seu caráter profético marca e sinaliza a literatura apocalíptica cristã primitiva. Diante desses pontos, é possível assegurar que a apocalíptica cristã primitiva não só espera pela salvação escatológica num futuro próximo (eminente para os judeus), mas também compreende ‘os últimos acontecimentos’ como o tempo já inaugurado - através da exaltação e ressurreição de Jesus Cristo. Isso não é pensado em termos de dois sucessivos ‘eons’ no mundo, mas conservando a contemporaneidade deste mundo e o mundo por vir, conectado a Jesus Cristo e à comunidade cristã. Assim, há somente um tempo, o tempo-final.

⁷⁸FIorenza, E.S., *Composition and structure of the Revelation*, **CBQ** 39, 1977, 344-366 “The ‘unique world of vision’ of the Book of Revelation lives from the tension between the forward-movement to the future and the impact of eschatological reality on the present of community and world in the figure of Christ who was dead and is alive again. Elsewhere I have attempted to show that this tension between present and future is also expressed in the composition of the Book. The basic movement of the narrative represents the prophetic movement from promise to fulfillment. This linear movement is partly deflected through the cyclic form of the three plague septets. Yet these septets are broken cycles insofar as they represent a forward-movement to greater fulfillment. The forward-movement of the narrative is also interrupted through the interludes that are ‘hymns or visions of eschatological protection and salvation’.

⁷⁹FIorenza E. S, *Apokalypsis and propheteia. The Book of Revelation*, p. 105-128. Cf. Idem, *The Phenomenon of Early Christian Apocalyptic*, p. 311: “However, it is questionable whether such a distinction influenced by the discussions of Jewish Apocalyptic is applicable to early Christian Apocalyptic, since Jewish Apocalyptic originated centuries before the NT era. Nevertheless, such a peculiar emphasis on parênese indicates a shift in ideas and perspective”.

⁸⁰Ibid., p 311: “out that any change in the theological ideas and literary forms is preceded by a change in social function and perspective”

⁸¹MANNHEIM K., *Essays on the sociology of Knowledge*, London, 1952; Idem, *The problem of a sociology of knowledge*, in WOLF K.H. (ed.), *From Karl Mannheim*, New York, 1971, 54-115; Cf. SCHUTZ A., *Phenomenology of the social world*, Evanston, III, 1967.

A compreensão teológica é narrada na composição do Apocalipse de João, pois não trata apenas de um progressivo desenvolvimento histórico, mas o modo de expressar, ou seja, revelar em várias formas as novas imagens e perspectivas do tempo na comunidade cristã como o tempo final. Portanto, em sua expressão teológica, a visão escatológica e a argumentação parenética interagem com semelhanças de força na função do Apocalipse. O equilíbrio entre a salvação escatológica e a experiência realizada no batismo são elementos pontuais que permitem, em suas expressões, uma aproximação da apocalíptica primitiva cristã com a experiência profética cristã. A interação entre a linguagem apocalíptica e escatológica demonstra ser uma alternativa à visão do mundo e de seus determinados poderes no modelo de encorajamento, com uma possível estrutura comunitária na interpretação cristã da perseguição e tribulação⁸².

2.1.4

L. Hartman⁸³

O autor delimita sua pesquisa inserido-a nas problemáticas mais relevantes: a) Compreende-se normalmente a apocalíptica e o apocalipticismo dentro da fenomenologia da religião e da sociologia da religião. No entanto, o objetivo dessa pesquisa é enfatizar os problemas concernentes ao gênero, por se tratar do fenômeno literário – o que chamaria de *FORSCHUNGSBERICHT*; b) O caráter literário da apocalíptica, se, por um lado, não representa um específico gênero, por outro, é defendido em diversos estudos nos quais se apresenta uma definição para Apocalíptica, não apenas como fenômeno religioso, mas, sobretudo, como gênero literário; c) Por fim, nos interrogar sobre qual sentido e qual o significado do termo ‘gênero’ na literatura apocalíptica? Essa interpelação se evidencia devido a uma confusão, em especial, nos centros de investigação

⁸²FIORENZA E.S., *The Phenomenon of Early Christian Apocalyptic*, p. 313: “*This functional shift within early Christian Apocalyptic literature indicates a change in the social-political situation of the Christian community. It signals a shift from an alternative visions of the world and political power to the rejection of the world for the sake of the afterlife, from a counter-cultural Christian movement to a church adapted and integrated into its culture and society, from a social-political, religious ethos to an individualized and privatized ethics*”

⁸³HARTMAN, L., *Survey of problem of apocalyptic genre*, in HELLHOLM D., *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1983. 329-343.

científica⁸⁴. Os pesquisadores alemães, nesta área, freqüentemente aplicam o termo *GATTUNG*, quando se referem à pequena unidade literária, mas também, podem expressar a forma com esse termo, dando assim o mesmo significado (por exemplo, *Gattung* do evangelho). Já os pesquisadores ingleses utilizam esse termo (gênero) para destacar a tendência sob o conjunto do trabalho (evangelho, coleções, oráculos...).

A discussão do gênero deve ser entendida na perspectiva de comunicação. Assim, a estrutura funcionará no intercâmbio comunicativo entre o autor e o leitor/ouvinte. Quando e onde o contexto difere do exposto no texto original, então, o limite passou para o contexto cultural que promove a convenção literária de um determinado gênero. A convenção literária de gênero pode se manifestar em determinado conteúdo, mas também pode estar obscuro, ou seja, não explícito. Os pesquisadores chamam de ‘*Sitz im Leben*’ de um texto, isto é, o seu contexto vital. Os traços peculiares do gênero são os aspectos fenomenológicos dos textos, esses podem ser subdivididos em dois tópicos:

- a) O conjunto lingüístico – *sprachlich* – todas as características do texto em sua forma e estrutura (vocabulário, frase, morfologia, etc);
- b) O grupo proposicional leve – trata-se dos elementos marcantes de sua totalidade e de suas unidades⁸⁵.

A estrutura dos Apocalipses se baseia em uma introdução marcada pela revelação divina ao intermediário; a revelação em si é constituída por uma série de visões e imagens/diálogo entre o revelador e o intermediário, seguido de uma conclusão que justifica o motivo e a importância da revelação.

O importante é a comunicação estabelecida entre o leitor ou ouvinte e o autor. A dificuldade é saber como esses Apocalipses foram usados no contexto do judaísmo e do cristianismo primitivo. Temos o testemunho do Apocalipse de

⁸⁴*It seems that NT scholars and their OT colleagues differ in their usage: see e.g. Rendtorff 1956 and Conzelmann 1956, two dictionary articles under the same headline – the former uses Gattung of, e.g. hymns and proverb, whereas the latter refers to die Gattung des “Evangeliums” in contrast to die ‘kleinen formen’ in den Evangelien.*

⁸⁵COLLINS J.J. (ed.), *Apocalypse: the morphology of a genre*, **Semeia 14**, 1979; Idem, *Introduction: towards the morphology of a genre*, **Semeia 14**, 1979, 1-20.

João, no qual as indicações e evidências da comunicação reveladora são expostas com o objetivo de serem escritas para comunicar a proposta divina⁸⁶.

2.1.5

E.D. Aune⁸⁷

E.D. Aune começa a sua obra destacando as principais contribuições dos últimos dez anos. Sua ênfase sublinha os trabalhos de J.J.Collins e D. Hellholm pelas suas significativas colaborações nesta área⁸⁸.

Depois, ressalta as fervorosas discussões entre as concepções da literatura antiga e moderna e suas produções. Por fim, apresenta sua proposta de estudo, descrevendo a análise literária dos Apocalipses em sua tríplice conjuntura: forma, conteúdo e função.

1. A forma de um Apocalipse é autobiográfica; em prosas narrativas que revelam visões reveladoras vividas pelo autor e estruturadas para ênfase central da mensagem revelada;

2. O conteúdo de um Apocalipse é a comunicação do transcendente, freqüentemente escatológica, com uma perspectiva sobre a experiência humana;

3. A função de um Apocalipse legitimado por uma autoridade transcendente com uma mensagem mediada por uma nova reveladora experiência para o ouvinte, encorajando-o a modificar sua consciência e seu comportamento em conformidade com a perspectiva transcendente.

O gênero literário consiste de um agrupamento de texto que compõe uma coerente e homogênea desenvoltura ao seguir um modelo característico, constituído pelas inter-relações de elementos da forma, conteúdo e função⁸⁹.

A noção de ‘gênero’, na maioria das vezes, ou em parte, tem sido baseada sobre o intuitivo ou fenomenológico julgamento de um grupo particular de textos,

⁸⁶HARTMAN, L., Op. cit. p. 341: “Conscientemente liga a análise literária com o fato de que o problema de gênero é parte da ampla compreensão e interpretação de expressões humanas no seu lugar social. Desse modo, nossa área de trabalho, nos traz um entendimento mais profundo disso que os autores de Apocalipses quiseram dizer para que tipo de leitor e em que situação. Mas no final das contas também se pode mostrar, para quem está interessando, até mesmo mais, como podemos reconhecer os problemas deles/delas como re-memorativos/re-lembram aos nossos”.

⁸⁷AUNE E.D., *The Apocalypse of John and the problem of genre*, **Semeia** 36, 1986, 67- 95.

⁸⁸Ibid., p. 70

⁸⁹HELLHOLM D., *The problem of apocalyptic genre and Apocalypses of John*, SBLASP, 1982, 157-163.

que tem íntima afinidade com outro que parece pertencer a ainda outro grupo⁹⁰. A conclusão e a definição de W.G. Doty⁹¹ sobre o gênero apocalíptico não se restringem a particular característica⁹².

A concepção de ‘gênero’ como agrupamento teórico é imprópria, sendo a mesma usada somente em último caso. A proposta de individuar a distinção entre apocalipse – como literatura, apocalíptica e escatológica – como uma visão do mundo, e apocalipticismo – como um movimento sócio-religioso, tem produzido melhores resultados nesta linha.

As pressuposições recentes de inúmeros pesquisadores já são importantes passos na direção da problemática do gênero apocalipses. A hipótese plausível, mesmo ainda longe de ser aceita nas pesquisas, é a compreensão de que os apocalipses foram produzidos por um ‘grupo apocalíptico’ com um distintivo tipo de apocalíptico-escatológico⁹³.

O Segundo Colóquio Internacional sobre apocalipticismo, em Uppsala, em 1979, constitui-se de 34 artigos, sendo doze deles dedicados à problemática do gênero, posteriormente editado por D. Hellholm sob o título: “*Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*”. Os outros trabalhos científicos valiosos desse autor discutem o problema do gênero, sendo o mais recente “*o problema do gênero Apocalíptico e o Apocalipse de João*” no seminário sobre Christian Apocalypticism, realizado SBL, em 1982⁹⁴.

Análises modernas dos textos antigos são comumente realizadas através dos processados de ‘imagens literárias’, em particular; os bons trabalhos literários

⁹⁰AUNE, E.D., *The Apocalypse of John*, p.66 “the notion of ‘genre’ has for the most part been based on intuitive ou phenomenological judgments that particular groups of texts....Consequently definitions of genres exhibit wide differences”.

⁹¹DOTY, W.G., *The concept of genre in literary analysis*, SBL, 1972, 413-448.

⁹²Ibid., p. 439-440 “Generic definitions tought not to be restricted to any one particular feature (such as form, content, etc), but they ought to be widely enough constructed to allow one to conceive of a genre as a congeries of (a limited number of) factors. The cluster of traits charted may include: authorial intention, audience expectancy, formal units used, structure, use of sources, characterizations, sequential action, primary motifs, institutional setting, rhetorical patterns, and the like”

⁹³AUNE, E.D., *The Apocalypse of John*, p.67; Cf. C.R., *The Open Heaven: A study of Apocalyptic in Judaism and Early Christianity*, New York, Crossroad, 1983, 49-72. “Recent year not seen any particularly great advances in the study of the Apocalypses as a genre, although criticism of various individual works has been advanced at diverse points”.

⁹⁴HELLHOLM, D., *The problem of Apocalypticism genre and the Apocalypse of John*, In COLLINS, A.Y. (ed.), *Early Christian Apocalypticism: genre and social setting*, *Semeia* 36, 1986, 13-63; Cf. LAMBRETTCH J. (ed.), *L’Apocalypse johannique et l’Apocalyphtique dans le Nouveau Testament*, BEThL 53, Louvain, University, 1980.

com qualidades essenciais, que transcendem o específico da cultura e as suas circunstâncias de origens, refletem problemas universais da experiência humana.

Sobre essa base, o método crítico literário tem assumido amplamente, em boa parte, os textos antigos, mas, quando se trata do período histórico greco-romano, as obras literárias entre o II séc.a.c. e II séc.d.C.. podem ser ‘etiquetadas’ ‘decadentes’. Defrontando-se com essa situação, E.D. Aune propõe três orientações básicas, com as quais os problemas do gênero dos textos antigos deveriam ser enfrentados, em especial, no seu contexto cultural: a) o problema da oralidade e textualidade, envolvendo a relação entre literatura retórica, texto e desempenho; b) a relação entre o conjunto e a unidade literária de um texto; c) a possível conexão entre literatura e culto religioso.

Oralidade e textualidade – A literatura e a retórica foram interligadas no mundo antigo; assim, muitas modernas suposições sobre a natureza dos textos antigos são equivocadas. O autor escreve ciente da proclamação. A palavra pode ser entoada de diversas maneiras, o que explicitamente não ocorre no texto. Por exemplo, o termo – “ἀκουω” – escutar e o “λεγω” – ler são normalmente usados como sinônimos. Tal fenômeno ocorreu no texto do Ap 1,3.

Essa relação transpassa o âmbito do escrito e retórica, sobretudo porque adentra o ambiente da literatura e desempenho oral. A oralidade desempenha um explícito papel na composição do Ap. de João como um todo, visto que se trata de um escrito composto para ser proclamado (Ap 1,3; 22,18).

De fato, os dois apocalipses cristãos: o Apocalipse de João e Pastor de Hermas devem ser compreendidos em sua capacidade de serem proclamados. Essa comunicação dialética entre o texto proclamado e as comunidades cristãs são marcas características dos Apocalipses. Portanto, a dramaticidade dos textos parece ser um inovador elemento na função da Apocalipse cristã primitiva⁹⁵.

A totalidade e as subunidades – A visão Apocalíptica, em seus relatos, está constituída por elementos de extenso contexto da literatura greco-romana. Entretanto, na tradição Judaica e Cristã, ela tende a existir de forma discreta.

A teoria moderna de gênero (representando muitas perspectivas literárias e lingüísticas) tende a enfatizar o *Gestaltist* – unidade de texto literário, em que o conjunto é visto como a soma de suas partes, ou seja, a compilação e composição

⁹⁵AUNE, E.D, Op. cit., p. 77-78.

de vários textos. Portanto, um Apocalipse pode existir com um texto independente ou como parte constituída de uma apresentação de gênero, e permite assim ser reorganizado sobre seus próprios termos em outra composição.

Literatura e culto⁹⁶ – A especulação em torno do ‘Sitz im Leben’, com o objetivo de decifrar o contexto sócio-religioso apresenta distorções maléficas para a compreensão dos componentes essenciais que vêm a compor o gênero. A descrição mais comum é que cada gênero deve ser analisado em suas próprias condições.

Frente a essas distorções, dois tipos de literatura são relevantes para uma análise da afinidade genérica com Apocalipse de João: 1. visões antigas com informações, comumente designadas Apocalipse, incluindo a cristã; 2. antigas prescrições rituais – descrevendo experiência, incluindo, por exemplo, Merkavah mística. A preponderância desses elementos no texto do Apocalipse permite, até certo grau, a compreensão do gênero do escrito. Entretanto, o problema da autenticidade da experiência reveladora, narrada no Apocalipse de João, parece ser insolúvel. Para compreensão de seu ambiente, é obvio adentrar no âmbito de sua composição, em particular, o modelo cultural antigo, sua estruturação de imagens e símbolos e suas expressões literárias. Porém, é fundamentado na fenomenologia da experiência reveladora que podemos assimilar, ao menos, o contexto originário desses textos.

Apesar de os textos reveladores da antiguidade deverem ser interpretados dentro de seu plano estrutural, isto é, de sua tradição religiosa particular do qual são expressões seus conceitos e imagens, é possível falar de um ‘segredo dialético’ que permeia toda a literatura Mediterrânea antiga. Segredo – não revelado – numa literária apresentação da revelação expressada de um modo obscuro. Desse modo, a substância da revelação é não totalmente evidenciada de uma vez por todas, mas isso se torna um veículo capaz de providenciar novas revelações ao leitor/ouvinte (auditório).

O Apocalipse, ao ser proclamado, é executado em comunidade ou por um leitor individual (ao estudar o texto), é uma característica estendida do gênero Apocalíptico, envolvendo, de alguma forma, o Apocalipse de João. Aquilo que denominamos de ‘dialética do segredo’ vem expresso no fenômeno acompanhado

⁹⁶KRAYBILL J.N., *Imperial cult and commerce in John's Apocalypse*, England, Sheffield, 1996.

de visões seguidas por explicações (Ap 1,20; 7,13-17; 17 6b – 18). Em Ap 10,7, “e quando”, o vidente está em condições de saber o que lhe será revelado. Nesse ponto, parece que encontramos uma aproximação do contexto narrado na carta de Paulo (II Cor 12,4).

O Apocalipse de João, quanto à forma, é um Apocalipse que está em prosa narrativa, envolto da visão reveladora experimentada pelo autor. Esse estruturou a mensagem central constituída de um clímax literário, emoldurando a narrativa em torno das circunstâncias que envolvem a experiência reveladora. Quanto ao conteúdo, é a comunicação do transcendente, freqüentemente escatológico, na perspectiva da experiência humana. Quanto à função – a) para legitimar a autorização transcendental da mensagem; b) por mediação de uma nova atualização de experiência reveladora original, através da inovação literária, estrutural e imaginária, que funcionava à discreta mensagem que o texto revela; c) o receptor da mensagem será encorajado a modificar sua consciência e seu comportamento para estar em conformidade à perspectiva transcendente.

O desvelar do ‘segredo-dialético’ está explícito ao ‘limitations’ do conhecimento revelador. Há uma tendência nos diálogos dos oráculos, comum também nos Apocalipses, de incorporarem essa forma, para enfatizar o fato da interpelação dos oráculos, em que a mesma não seria respondida em sua totalidade, desenvolvendo gradativamente em parcialidades.

Três aspectos da definição de forma merecem ser sublinhadas: 1. o estilo autobiográfico; 2. a estruturação ou segmentos das visões reveladas; 3. a mensagem central como clímax literário. Examinemos cada um desses tópicos separadamente⁹⁷.

O estilo autobiográfico – fortalece a característica de legitimação da experiência reveladora. Ao contrário da pseudonomia presente na tradição Apocalipse do Mediterrâneo Oriental, os dois Apocalipses cristãos – Apocalipse de João e Pastor de Hermas – foram escritos por pessoas que exerciam um grande prestígio frente a seus leitores/ouvintes ou àqueles diante dos quais enviaram seus escritos;

A noção de clímax literário da mensagem – justapõe-se à mensagem central, sendo uma das ‘virtualities’ do gênero apocalíptico. O autor domina, com

⁹⁷AUNE, E.D., Op. cit., p. 81-90.

muita destreza, o clímax literário a que se propõe. Em nosso texto, em particular, a parte central Ap 4,1 – 22,5, a coincidência do clímax literário é, ao mesmo tempo, a mensagem principal da composição.

A composição e estrutura quiasmática⁹⁸ são também usadas no Apocalipse para prender a atenção direta do ouvinte, inserida nessa moldura. No Ap de João, esta culmina com a detalhada experiência reveladora, com a visão da sala do trono (Ap 4–5), algumas imagens se revelam, mas são apenas vagos detalhes (Ap 4,3; 5,1), menciona somente que um livro estava em sua mão. Então, a visão de Deus é habilmente detalhada até o penúltimo capítulo do livro (Ap 22,5-8). Com essa estrutura formal, destaca-se a mensagem central do livro.

A função da Apocalipse - compreendida como atuação social (explícita ou implícita) – “Sitz im Leben”. O Apocalipse é comumente entendido, e não é incorreto compreendê-lo deste modo, como uma forma de literatura de protesto, na qual os direitos de uma minoria são usurpados; assim, seus direitos são legitimados pela revelação divina. Podem-se distinguir duas funções: a função literária e a função social. A função literária de um Apocalipse é concebida somente com aquilo que está implícito ou explícito no texto, contendo indicações mesmo da proposta ou de uso de composição.

A função social de um Apocalipse, nesta perspectiva, incluiria não apenas os dados implícitos ou explícitos, mas também a história íntegra da variedade de utilizações daquilo que se tem experimentado como aspectos importantes: legitimação da transcendente autorização da mensagem; nova atualização da experiência reveladora original, apesar do inovador adorno literário; o papel de encorajamento cognitivo/consciência e sua modificação comportamental (ética cristã), baseado na visão comunicada do transcendente ao Mundo⁹⁹.

⁹⁸MAZZAROLO, I., *O Apocalipse: esoterismo, profecia, ou resistência*. Rio de Janeiro, Mazzarolo, 2000.

⁹⁹AUNE, E.D, Op. cit., p. 89-90. Recentes investigações sobre o problema do gênero Apocalipse antigo têm proposto avanços significativos. Em particular, a descrição paradigmática de J.J. Collins e a análise sintagmática, macroestrutura de Hellholm em dois Apocalipses cristãos, provêm duas aproximações diferentes, contudo, complementares ao problema. Em seu trabalho, E.D. Aune, implicitamente rejeita a proposta de D. Hollholm quando fala de uma adição de exortação /consolação, enquanto J.J.Collins apresenta uma adequada e estabelecida definição sobre a função e propõe uma descrição mais inclusiva da função do Ap. de João, baseada no que eu considero as implicações do próprio Hellholm, por meio, o encaixamento profundo da fala de Deus, que resume a mensagem central do Ap 22,5-8 como a essência da estrutura literária, que é um substituto para as barreiras cúlticas das quais separa o profano do sagrado, o escondido do revelado. O Ap. de João é uma recolocação de uma revelação original e sua experiência do vidente

2.1.6

D.P. Hanson

Para D.P. Hanson¹⁰⁰, as recentes discussões sobre os critérios para definir o gênero apocalíptico/apocalipse em paralelo com o relatado conceito da ‘apocalíptica escatológica’ e ‘apocalypticismo’, no qual se vislumbra uma possível relação com apocalíptica judaica tardia, mereceriam ser analisadas com mais cautela. Essa tríade conceituação adquire diversas conotações em suas definições, pois procura clarificar esse fenômeno antigo e complexo com suas tentativas eruditas.

Empregar o termo ‘apocalipse’ para designar um gênero, significa que estamos usando um derivado do substantivo grego ἀποκαλυψις – apocalypsis – des-velar; re-velar. O primeiro emprego atestado do termo para se referir a um trabalho literário encontra-se presente no início do Ap. de João: Apocalipse de Jesus Cristo. A priori, engloba dois aspectos: 1. histórico; 2. formal. Histórico, por se tratar de um livro que exerce forte influência na compreensão do gênero no Ocidente; quanto ao formal, porque o referido fornece quase todos os elementos principais desse gênero. Ap 1,1-3, esse texto apresenta o seguinte desenvolvimento: a) revelação dada por Deus; b) intermediário; c) os acontecimentos futuros.

No v. 3, contém e adiciona características encontradas comumente (ou implícitas) no Apocalipse, isto é, uma advertência. Além disso, esses três versículos do livro expõem uma luz adicional ao gênero¹⁰¹. Quando essas considerações são inseridas na perene tensão entre temporal e espacial da definição de salvação (por ex., mítico *versus* épico; visão da realidade antiga e histórica *versus* visão hodierna), a justaposição do eixo temporal e espacial dentro dos antigos Apocalipses parece conceitualmente ajustada¹⁰².

– João – quando a executou em público, até mesmo em um culto fixo, comunica a mensagem parenética do autor com autoridade divina.

¹⁰⁰HANSON, P.D. *Apocalypses and Apocalypticism: the genre – introductory overview*, **ABD I**, 1992, p. 279-282; Idem., *The dawn of Apocalyptic: the historical and sociological roots of Jewish apocalyptic eschatology*, Philadelphia, Fortress, 1979

¹⁰¹HANSON P., *Apocalypses*, p. 279: “The first two verses of the book of Revelation contain in nuce the narrative structure of the genre: a revelation is given by God through an otherworldly mediator to a human seer disclosing future events”.

¹⁰²HANSON, P., *Op. cit.*, p. 280: “When consideration is given to the perennial tension between temporal and spatial definitions of salvation (e.g., mythic versus epic views of reality in antiquity

Dentro desse contexto, livro de Zacarias e Ezequiel, do séc. VI a.C., são importantes testemunhos devido à sua forma característica de gênero. O livro de Ezequiel é construído em torno de cinco visões, que revelam as situações: de julgamento e salvação futura. No livro do Zacarias, com a série das oito visões presente nos capítulos 1 - 6, o profeta tem visões sobrenaturais de fenômenos, explanadas por um anjo intérprete, que dizem como procederão os futuros acontecimentos. Assim, parece-nos plausível assumir que os recentes visionários se considerem herdeiros dessa tradição oriunda de seus antecessores.

Nos textos neotestamentários, encontramos pequenas unidades apocalípticas nos evangelhos e nas epístolas. Embora, dentre esses, sobressaia o Apocalipse joanino, seja pela releitura dos textos apocalípticos do AT, em especial, no livro de Daniel (Dn 7 – 12), ou por causa do emprego explícito ou implícito de elementos próprios do gênero literário Apocalíptico. Nesse quadro, vislumbra-se a comunicação dada ao vidente através da visão angelical que comunica o conteúdo da revelação na evolução do julgamento\salvação final.

O gênero apocalíptico manteve traços de sua composição histórica, pois refletem a situação de crise e visam oferecer garantia de salvação para aqueles que não se curvam diante da estrutura de poder deste mundo. Sustentam, mesmo diante da perseguição e tribulação, a sua convicção religiosa. Em síntese, o gênero apocalíptico está relacionado mais intimamente ao fenômeno apocalíptico do que a quaisquer outras formas literárias¹⁰³.

2.1.7

F.J. Murphy¹⁰⁴

O autor apresenta um itinerário amplo, profundo, minucioso do estado da questão. Realiza-o com genialidade formidável que permite perceber a evolução da pesquisa e suas lacunas, por isso acredito ser importante passar em revista os

and historical versus existential views today), the juxtaposition of temporal and spatial axes within ancient Apocalypses seems conceptually fitting”.

¹⁰³HANSON, P., Op. cit, p. 280: “*The setting and function that can be glimpsed behind the Jewish and Christian Apocalypses thus indicate that, while those communities and movements that we can characterize under the rubric of ‘Apocalypticism’.*”

¹⁰⁴MURPHY, F.J., *Apocalypses and Apocalypticism: the state of the question*, CR 2, 1994, 147-179.

principais tópicos do ‘*state of the question*’ dessa obra e apresentar os elementos conclusivos desse estudo.

No início do séc. XIX, as linhas de investigações perceberam que muitos trabalhos do mundo antigo, sejam do judaísmo ou do cristianismo, correspondem a esse gênero apocalíptico¹⁰⁵. Diante desse vasto campo de investigação nos limitaremos a pesquisar o apocalipse judaico e cristão, composto entre o III século a.C. e o II século d.C., período no qual se enquadra o Apocalipse de João. Muitos escritos contemporâneos, ainda hoje, pressionam o substantivo apocalíptico, ligado às pequenas nuances ou vagas referências inseridas ao texto, o que significa uma amálgama complexa da forma literária, das idéias religiosas, das imagens estranhas, das visões e dos movimentos sociais.

Contrapondo-se a essa concepção restrita, K. Koch¹⁰⁶ introduz uma distinção entre ‘apocalipse’, como um gênero, e ‘apocalíptico’, como um movimento histórico, com uma particular visão do mundo. Aprofundando ainda mais o debate da definição, P. Hanson¹⁰⁷ propõe individualizar o gênero do apocalipse em dois tópicos: apocalíptico escatológico, como uma perspectiva religiosa; apocalipticismo, como ideologia de um grupo que compartilhava uma visão do mundo. Essa distinção foi acolhida como um modelo a ser trabalhado pelo Colóquio Internacional de Uppsala em 1979, mais tarde publicado por D. Hellholm, com o título: *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, em 1983.

Contudo, essa linha investigativa não tem sido amplamente apoiada pelos estudiosos mais críticos, dentre eles, R.L. Webb¹⁰⁸, que compartilha dessa posição. Nesse contexto, o apocalipticismo é assumido como força ideológica do apocalipse, aceitando ou não, o que se sabe esta possibilitou ao escrito apocalipse se difundir e tornar-se um símbolo universal desse grupo específico.

¹⁰⁵SMITH, M., *On the history of Apocalyptic and apocalypses*, in HELLHOLM, D., *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1983. 9-19. A discussão em torno da definição do termo, segundo M. Smith: “As far as the preserved evidence goes, we must say that the literary form we call an Apocalypse carries that tilled for the first time in the very late first or last second century A.D from then on both title and form are fashionable at least to the end of the classical period

¹⁰⁶KOCH, K., *The Rediscovery of Apocalyptic: a Polemical World on a Neglected Are of Biblical Studies and Its Damaging Effects on Theology and Philosophy*, Naperville, A.R. Allenson, 1972, 18-35.

¹⁰⁷HANSON P., Op. cit., p. 27-28.

¹⁰⁸WEBB, R.L., *Apocalyptic: Observations on a Slippery Term*, JNES 49, 1990, 115-126.

Atualmente os pesquisadores, em particular, os norte-americanos, têm usado esse termo – apocalíptico – apenas como adjetivo, ou seja, empregando-o aos temas, às idéias, às imagens ou às perspectivas do tipo Apocalipses. A descoberta de novos textos apocalípticos, comunidade de Qumrân, em particular, nos dois últimos séculos, suscitou um renovado interesse pela investigação desses textos, mas, sobretudo, provocou reais mudanças na metodologia. Esse inovador vigor tem causado atritos profundos entre a concepção antiga e moderna de conceber o texto apocalíptico.

O livro do Apocalipse de João é um bom exemplo, especialmente, pela sua dificuldade de ser aceito no cânon, ou seja, ser incluído na liturgia e acolhido na comunidade. Ainda em nosso cotidiano, ele figura entre os livros secundários e enigmáticos das comunidades, principalmente pela dicotomia existente entre o contexto atual e sua imagem original, a partir da qual não é possível decodificar suas imagens. Estudos críticos recentes estão mais atentos a esse livro, procurando recuperar e desfazer as impressões negativas e, dessa maneira, vê-lo como uma profecia para o presente ou futuro próximo – escatológico.

A recuperação desse gênero e do seu contexto social se deve ao pioneirismo do trabalho de J. Weiss¹⁰⁹, em 1892, e A. Schweitzer¹¹⁰, em 1906, que investigavam a conexão entre Jesus e Apocalipticismo. Hoje se pesquisa a influência apocalíptica no ensinamento de Jesus e em sua pregação, o que é certamente um debatido problema entre os estudiosos. Porém, para muitos pesquisadores, uma correta apreciação do Apocalipticismo judaico é fundamental para compreendermos a mensagem de Jesus.

Os questionamentos são abundantes, tais como: O que conceitua o gênero Apocalíptico? O que é apocalíptico escatológico? O que define uma visão apocalíptica do mundo? Qual o fenômeno social que qualifica uma comunidade apocalíptica ou movimentos apocalípticos? São interpelações que necessariamente precisam ser aprofundadas e respondidas, mas, antes de tudo, é inegável o contexto oriundo desses apocalipses, ou seja, o âmbito cultural helênico.

A crítica literária moderna tem influenciado na definição do gênero apocalíptico. Na maioria dos debates sobre o gênero apocalíptico, a posição de A.

¹⁰⁹WEISS, J., *Die Predigt Jesu vom Reiche Gottes*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1892.

¹¹⁰SCHWEITZER, A., *Von Reimarus zu Wrede: Eine Geschichte des Leben-Jesu-Forschung*, Tübingen, Mohr, 1906.

Fowler¹¹¹ faz-se presente, pois ele afirma: “os gêneros são resistentes à definição, e, assim, ele usa uma metáfora da semelhante família para evitar uma definição, sem também se render à idéia de que se podem agrupar textos de acordo com alguns princípios¹¹²”.

Frente a esse impasse, realiza-se um seminário: *Early Christian Apocalypticism*¹¹³, no qual se separou o gênero e o contexto social; assim considerou a função como um aspecto do gênero, parte do texto mesmo: como e por que o autor o escreveu com esse estilo e forma? O contexto social foi analisado nos seguintes livros: Ap. de João e Pastor de Hermas. Os ‘insights’ obtidos e algumas descrições da função permitiram esmiuçar em profundidade todas as camadas do gênero.

A partir das pesquisas de D.E. Aune e D. Hellholm¹¹⁴, A.Y. Collins propôs a seguinte definição¹¹⁵: “A circunstância pretendida pelo intérprete presente leva em conta o contexto do mundo terreno sendo direcionado ao mundo sobrenatural e futuro, assim influencia a compreensão e o comportamento do ouvinte/leitor por meio/ através da autoridade divina¹¹⁶”. A aproximação ao método lingüístico realizado por D. Hellholm, nos textos do Apocalipse de João e Pastor de Hermas, fundamenta as conclusões oferecidas por A.Y. Collins, mas sua metodologia não é familiar ao mundo bíblico, por isso não tenha ainda obtido o seu verdadeiro impacto.

Segundo A.Y. Collins, a pesquisa de D. Hellholm é a mais significativa obra que se tem desenvolvido no estudo do apocalipticismo nas últimas décadas,

¹¹¹FOWLER, A., *Kind of literature: an Introduction to the Theory of Genres and Modes*, Cambridge, Harvard University, 1982, 37-53.

¹¹²Ibid., p. 43-51. “Claims that genres are resistant to definitions, and so he uses the metaphor of family resemblance to avoid a definition without also surrendering the Idea that texts can be grouped according to some principle.

¹¹³COLLINS, A.Y. (ed.), *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social setting*, **Semeia 36**, Misoula, Decatur, Scholars, 1986.

¹¹⁴AUNE, D.E., *The Apocalypse of John and the Problem of Genre*, in A. Y. Collins (ed.), *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social setting*, **Semeia 36**, 1986. 65-96. Cf. D. Hellholm, *The problem of Apocalyptic Genre and The Apocalypse of John*, in A. Y. Collins (ed.), *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social setting*, **Semeia 36**, 1986, 13-64.

¹¹⁵A definição é uma complementação dada ao trabalho coordenado por J.J. Collins, *Apocalypses and Apocalypticism: early Jewish Apocalypticism*, ABD I, 1992, 282-288.

¹¹⁶COLLINS, A.Y. (ed.), *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social setting*, **Semeia 36**, Misoula, Decatur, Scholars, 1986, p. 7 “Intended of interpret present, earthly circumstances in light of the supernatural world and of the future, and to influence both the understanding and the behavior of the audience by means of divine authority”.

fora de qualquer contestação¹¹⁷. O autor destaca ainda a existência de dois tipos de Apocalipses: a) aquele com uma jornada/viagem ao outro mundo, para onde o vidente é transportado; b) aquele sem essa jornada/viagem. Esse último tipo contém comumente revisão/resenha da história concluída numa escatologia de crise e resolução. O primeiro tipo tem o seu interesse voltado mais para o lado especulativo (o especulativo pode incluir a visão da cosmologia, cosmogonia, angelologia...), embora possa conter escatologia do mesmo modo. Assim, pode-se perceber que o interesse central de ambos não tem como fundamento a tradição bíblica. Segundo esse conceito, o livro de Daniel é um Apocalipse histórico e o Ap de João é uma literatura Apocalipse a-histórica, pois relataria a jornada/viagem em outro mundo.

Embora haja autores que rejeitam essa comparação ou caracterização dada ao texto, uma pesquisa contrária, da autora E.S. Fiorenza¹¹⁸, a contesta, afirmando que a jornada/viagem não é muito desenvolvida, e, para ela, o Apocalipse de João não pertence a nenhum desses grupos. Soma-se a essa idéia, o autor M. Himmelfarb¹¹⁹, propondo serem esses dois tipos de Apocalipses vistos como gêneros separados. Segundo os seus argumentos, o Ap de João não contém uma revisão da história, uma vez que ele se propõe a fazer um esquema de período da história, o texto foi desenvolvido, por exemplo, na imagem dos sete reis (Ap 17), mas sua ênfase é sobre a crise escatológica. A.Y. Collins compartilha dessa idéia, ao incluir a parênese como eixo central em determinados Apocalipses, mesmo ciente da presença retórica de um discurso exortativo na maioria. Nem todos, porém, têm como linha mestra a mensagem a parênese.

É significativa, em especial, a percepção dos ouvintes/leitores ao perceberem a mudança dos diversos tons. Esses são chamados a atuar na história, e, concomitantemente, são exortados e encorajados sobre os aspectos

¹¹⁷COLLINS, A.Y., *Early Christian Apocalypticism: genre and social setting*, **Semeia** 36, 1986, 1-12.

¹¹⁸FIorenza, S.E., *The phenomenon of Early Christian Apocalyptic: Some reflections on Method*, in HELLHOLM, D., *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1983, 295-316.

¹¹⁹HIMMELFARB, M., *Tours of Hell: an apocalyptic form in Jewish and Christian literature*, Philadelphia, Fortress, 1983.

desfavoráveis das circunstâncias atuais, mas voltando seu olhar para o outro mundo, o mundo por-vir¹²⁰.

Para C. Rowland, o princípio para se discutir a ‘Apocalíptica’, o foco, não recairia sobre a forma literária e nem sobre o conteúdo específico. Para ele, “O fator comum é a comunicação na qual Deus pode ser discernido através da revelação, isto é, des-velar as coisas escondidas em Deus diretamente. Falar de apocalíptica, então, é concretamente um tema de comunicação direta dos mistérios divinos com toda a sua diversidade”¹²¹.

A tenacidade dessa sugestão é seu reconhecimento da revelação, independentemente dos segredos escatológicos. Dessa forma, o Apocalipse de João pode evidentemente ter elementos epistolares: o começo e o fim do Apocalipse de João se autodenominam profecia, por isso se poderia chamar, em termo apocalíptico, de profético-epistolar. Muitos estudiosos aceitam o Ap de João como um Apocalipse, mas o colocam fora daquilo que eles chamariam verdadeiros Apocalipses. Estão, dessa forma, chamando essa semelhança de uma afinidade com a variedade de outros textos e formas, que se poderia dizer ‘intertextualidade’, podendo ser caracterizada como um grupo de Apocalipse.

D.S. Russel¹²², em seu clássico comentário ao Apocalipticismo, faz a seguinte reivindicação: o autor Apocalíptico tem uma experiência religiosa inesquecível. M. Stone¹²³ afirma: “vivacidade e detalhes da descrição do estado mental do vidente antes de sua experiência e suas reações físicas e espirituais da visão do mundo”. Autores, como C. Rowland, J. Barton e outros, são favoráveis a uma definição simples, pois uns apocalipses seriam simplesmente uma narrativa sobre a revelação dos segredos.

A perspectiva da escatologia apocalíptica tem sido investigada com profundidade por A. Y. Collins, que a inclui como uma das fundamentais

¹²⁰COLLINS, J.J., *The Apocalyptic imagination: an introduction to the Jewish matrix of Christianity*, New York, Crossroad, 1884; Cf. HIMMELFARB, M., *Tours of Hell: an Apocalyptic form in Jewish and Christian Literature*, Philadelphia, Fortress, 1983. esp. 60-61.

¹²¹ROWLAND, C., *The open heaven: a study of Apocalyptic in Judaism and Christianity*, New York, Crossroad, 1982, esp. 14. “Rather, the common factor is the belief that God’s will can be discerned by means of a mode of revelation with unfolds directly the hidden things of God. To speak of Apocalyptic, therefore, is to concentrate on the theme of direct communication of the heavenly mysteries in all their diversity.

¹²²RUSSEL, D.S., *The method and message of Jewish Apocalyptic, 200 BC – AD 100*, Philadelphia, Westminster, 1964, esp. 127-171.

¹²³STONE M., *Apocalyptic literature*, in M. Stone (ed.) *Jewish writings of the Second Temple period*, Philadelphia, Fortress, 1984, 383-441, esp. 430; “Vividness and detail of the description of the Seer state of mind before his experience and his physical and spiritual reactions worldview”.

características da visão transcendental, pois todos os apocalipses imaginam uma recompensa e uma punição pós-morte. Esse aspecto, segundo a autora, é elemento divisor entre a escatologia apocalíptica e escatologia profética, sobretudo porque, no apocalipticismo, o transcendente e o cósmico são forças da verdadeira causa dos acontecimentos ocorridos na terra e a resolução dos mesmos só é possível por meio da intervenção divina após morte.

P. Hanson¹²⁴ nota que há uma diferença entre profecia e apocalipticismo. As profecias reproduzem as decisões da ação divina em história concreta, por isso ela se contrapõe à compreensão de como o apocalipticismo vislumbra a história, isto é, fechada, determinada ao fim, decidida na transcendência sem qualquer interferência do ser humano. Na profecia, ao contrário, o profeta revela os planos de Deus de julgamento e salvação, mas tendo sempre presente a possibilidade de opção do ser humano, que pode alterar o percurso da história.

K. Koch¹²⁵, em seus estudos, expõe uma lista de oito motivos que caracterizam o Apocalipticismo. Essa lista retorna à teoria de Fowler, que propõe um conjunto de famílias semelhantes de apocalipses. Apreciemos os motivos apresentados por K. Koch:

1. A urgente expectativa para um fim eminente da presente condição humana;
2. O fim é uma catástrofe cósmica;
3. A periodização e determinação da história, conduzida a um fim próximo;
4. A atividade das forças angelicais e demoníacas que explica a história e o eschaton;
5. Além da catástrofe, há salvação que envolve restauração do paradisaal e a condiciona ao tempo primitivo;
6. Os eventos do tempo final são iniciados no trono de Deus e, assim, envolvem uma restauração do reino de Deus;
7. O mediador com funções reais, às vezes, provoca e mantém a redenção final;

¹²⁴HANSON, P.D., *Apocalypticism, IDBSup*, 1976, 28-34.

¹²⁵KOCH, K., *Op. cit.*, p. 28-33.

8. A glória é caracterizada no mundo futuro e indica transformação do mundo e suas estruturas sociais.

Em dois grupos comunitários, de onde emerge geralmente o termo apocalíptico: a comunidade de Qumrân e a comunidade do cristianismo primitivo. Embora os rolos do Mar Morto pertençam a uma comunidade, onde cada relato de texto demonstra um processo de disputa, uma recente edição do *Journal for Near Easter Studies* dedicou todo um periódico sobre a relação entre a comunidade de Qumrân e apocalíptico¹²⁶. A investigação em torno dessa aproximação levou A. Y. Collins e outros a se questionarem e se posicionarem contrariamente a essa possível relação, visto que a forma persuasiva de seus escritos¹²⁷ é imprecisa. Essa comunidade produziu alguns apocalipses ou são apenas alguns fragmentos de Qumrân?

Segundo A.Y. Collins, não há nenhuma evidência clara de que a comunidade produziu qualquer apocalipse. Há apenas alguns fragmentos de Qumrân que podem pertencer a trabalhos sectários de apocalipses, mas isso é incerto. Portanto, apesar de ainda se falar dessa aproximação com muitas reservas, alguns pesquisadores, admitem a possível proximidade da comunidade de Qumrân como apocalíptica. A categorização de Puech, em (4Q521), como um Apocalipse é baseada na conexão temática em lugar de considerações formais¹²⁸. A sua pesquisa comparativa entre 4Q246 e Daniel é relevante, porém há a dificuldade e a falta de prova de que um texto fragmentário possa ser um Apocalipse¹²⁹.

¹²⁶DAVIES, P.R., Qumrân and Apocalyptic or Obscurum per Obscurius, in *JNES* 49, 1990, 127-134; Cf. NEWSON, N., *Apocalyptic and the discourse of the Qumran Community*, in *JNES* 49, 135-144.

¹²⁷COLLINS, J.J., *The Apocalyptic imagination: an introduction to the Jewish matrix of Christianity*, New York, Crossroad, 1984, esp. 115-141; idem, *Was the Dead Sea Sect an Apocalyptic community?*, in L.H. Schiffman (ed.), *Archeology and History in the Dead Sea Scrolls*, JSOTsup 8, Sheffield, JSOT, 1990, esp. 25-51; idem, *Genre, Ideology and Social Movements in Jewish Apocalypticism*, In J.J. COLLINS – CHARLESWORTH (ed.), 1991; esp. 11-32; Cf. PHILONENKO, M., *L'Apocalyptique qumrânienne*, in D. HELLHOLM (ed.) D., *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1983. esp. 211-218.

¹²⁸PUECH, E. *Une Apocalypse messianique (4Q521)*, **RevQ** 15, 1992, 475-519, esp. p. 514-515;

¹²⁹PUECH, E., *Fragment d'une Apocalypse en Araméen (4Q246 – pseudoDan) et le Royaume de Dieu*, **RevQ** 15, 1992, 98-131.

H. Stegemann¹³⁰, procurando aprofundar a problemática, diz que a ausência de Apocalipses sectários, parece ser um sinal que Qumrân não foi um movimento apocalíptico, mas J. J. Collins é contrário a essa postura, pois assim se reduz o uso do termo 'Apocalíptico'¹³¹.

A discussão do apocalipticismo na primitiva comunidade cristã, em comparação com os escritos qumrânicos, é mais complexa, sobretudo vista a partir de sua diversidade contextual. A diversificação de Qumrân assim como a dos Apocalipses cristãos está centralizada na perspectiva escatológica, que exerceu uma forte influência em muitos destes textos neotestamentários. Entretanto, a ênfase dada pelo autor do Apocalipse joanino o caracteriza no âmbito das discussões da apocalíptica; os textos do NT que tiveram essa influência aparecem em unidades menores.

Para Duling e Perrin¹³², o Apocalipticismo foi um importante instrumento na igreja primitiva, visto que diversos textos demonstram essa convicção, como por exemplo: Mc 13; Mt 24-25; Lc 21. Eles chegam a afirmar que Marcos é notadamente um drama apocalíptico¹³³. Na mesma linha de raciocínio, alude-se ao pensamento apocalíptico de Paulo¹³⁴.

E. S. Fiorenza¹³⁵ compreende a apocalíptica cristã distinta da judaica, em particular, por causa do seu interesse na parênese; o pensamento apocalíptico judaico limita-se ao futuro, o que difere e diverge da apocalíptica cristã que se volta para o presente e o passado de Cristo e dos cristãos.

A partir das obras de Weiss¹³⁶ e Schweitzer¹³⁷, os pesquisadores têm aprofundado as investigações sobre qual é o grau de influência do apocalipticismo

¹³⁰STEGEMANN, H., Die Bedeutung der Qumranfunde für die Erforschung der apokalyptik, in D. HELLHOLM, *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1983, 495-530.

¹³¹COLLINS, J.J., *Was the Dead Sea sect an apocalyptic community?* In L. H. SCHIFFMAN (ed), *Archeology and History in the Dead Sea Scrolls*, Sheffield, JSOT, 1990, 26.

¹³²DULING E.D.; PERRIN, N., *The New Testament*, Fort Worth, Harcourt Brace, 1994³, esp. 609-610.

¹³³Ibid., p. 295-327;. Cf. MARCUS, J., *The Mystery of the Kingdom of God*, Atlanta, Scholars, 1986.

¹³⁴Ibid., Op. cit., p. 177-259; Cf. BEKER, J. C., *Paul the apostle: The triumph of God in life and thought*, Philadelphia, Fortress, 1980.

¹³⁵FIORNZA, E.S. *The phenomenon of Early Christian Apocalyptic: Some reflections on method*, in D. HELLHOLM (ed.), *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1983, p. 302.

¹³⁶WEISS, J. *Die predigt Jesu vom Reiche Gottes*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1892.

¹³⁷SCHWEITZER, A., *Von Reimarus zu Wrede: Eine Geschichte des Leben-Jesu-Forschung*, Tübingen, Mohr, 1906.

no pensamento de Jesus. Käsemann opõe-se a esta linha, afirmando que, embora a primitiva comunidade cristã tenha a presença do pensamento apocalíptico, o pensamento de Jesus não foi apocalíptico¹³⁸. Atualmente há um forte movimento que busca os aspectos não-apocalípticos no ensinamento de Jesus ou na primitiva tradição cristã. Esses, por sua vez, alegam que esse elemento apocalíptico são adições tardias feitas pela igreja¹³⁹. Por outro lado, há os que aproximam Jesus de João, afirmando que a sua pregação escatológica é desenvolvida na forma natural de uma apocalíptica e que realmente Jesus foi influenciado pelo apocalipticismo. Ou ainda, as mais recentes e principais investigações sobre o Jesus histórico têm sido dedicadas ao estilo/maneira de um profeta escatológico¹⁴⁰. Na realidade, trata-se ainda de uma interpelação aberta, pois não se tem ainda o pleno desenvolvimento dessa problemática.

O debate tem seguido o seu rumo em duas direções. A primeira direção interpela se a origem do apocalipticismo foi um desenvolvimento natural de elementos do judaísmo religioso ou é devido à influência de força externas. A segunda direção se pergunta, seja o judaísmo ou não judaísmo, qual a influência que este representa. Assim, muitos estudiosos vêem que o Apocalipticismo emergiu por um lado, de ambiente familiar, mas que recebe e interage com influências externas.

Garcia Martinez¹⁴¹, em sua obra, averigua a aproximação histórica da religião, constata que seus resultados são insatisfatórios. Considera que o vínculo histórico e o sintagmático se apresentam mais coerentes e úteis. Em alguns casos, a escatologia dos profetas pós-exílicos representa um ponto de equilíbrio entre a clássica escatologia profética e a escatologia dos Apocalipses¹⁴².

No fim do século XVIII, H. Gunkel¹⁴³ analisou o apocalipticismo em termos de sua aplicação nos mitos antigos, levou-o a acreditar que os apocalipses

¹³⁸KÄSEMANN, E., Op. cit., p. 17-46.

¹³⁹BORG, M, *A temperate case for a non-eschatological Jesus*, Fórum 2.3, 1986, 81-102; Cf. KLOPPENBORG, J.S., *Symbolic eschatology and the Apocalypticism of Q*, HTR 80, 1987, 287-306; CROSSAN, J.D., *The historical Jesus: The life of a Mediterranean Jewish Peasant*, San Francisco, Harper San Francisco, 1991.

¹⁴⁰SANDERS, P.E., *Jesus e Judaism*, Philadelphia, Fortress, 1985, ; Cf. A.Y. Collins, *Apocalypses and Apocalypticism: Early Christian*, ABD, I, 1992, 288-292, esp. 239.

¹⁴¹MARTÍNEZ, F., Garcia, *Ancora l'Apocalyphtique*, JSJ 17, 1986, 224-232.

¹⁴²HANSON, P., *The dawn of Apocalyptic: the historical and sociological roots of Jewish Apocalyptic eschatology*, Philadelphia, Fortress, 1979.

¹⁴³GUNKEL, H., *Schöpfung und chaos in Urzeit um Endzeit*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1895.

tenham total autotomia e criatividade para reinterpretar, dentro dos antigos mitos, uma resposta para as novas situações. Desse modo, justifica-se por que alguns apocalipses não apresentam uma lógica consistente, pois tratam de sua reutilização de materiais tradicionais; outros, devido a um simbolismo e alusivo caráter mitológico no discurso dos apocalipses. Portanto, percebe-se que a insistência moderna sobre a consistência lógica não respeita a natureza apocalíptica do discurso¹⁴⁴.

Deste sintético itinerário do estado da questão, apresentado por F.J.Murphy, as investigações neste campo passaram por diversos estágios, seja por seus pré-conceitos, a priori, do âmbito da apocalíptica, seja por causa da escassez de material que possibilitasse aprofundar os aspectos históricos e culturais do primitivo cristianismo e judaísmo.

Significativos avanços são, contudo, averiguados na compreensão do gênero e da visão do mundo nos textos apocalípticos, pois muitas escolas têm realizado importantes investigações que enfatizam as características originais e suas conexões com outras características do âmbito helênico, relevantes na compreensão de Jesus histórico. Talvez a mais relevante apreciação tenha sido investigar os textos apocalipses em âmbito próprio (*Sitz im Leben*), não o compreendendo simplesmente como depositário de doutrinas históricas do primitivo cristianismo e judaísmo, mas como legítima e poderosa resposta que mudou e está mudando o mundo¹⁴⁵.

Os pesquisadores modernos, ao investigarem os textos apocalipses, estão convictos de que eles são fundamentais para a compreensão do primitivo cristianismo e judaísmo, mas, sobretudo, para o esclarecimento da mensagem e ação de Jesus e de como estão presentes nos escritos neotestamentários. Dentro desse mundo complexo e extenso, insere-se o texto do Apocalipse de João. A literatura apocalíptica faz-se presente com suas imagens e símbolos, de que o autor apropria-se no âmbito literário, sem se desviar do seu eixo, isto é, da sua

¹⁴⁴COLLINS, J.J., *The Apocalyptic imagination: an introduction to the Jewish matrix of Christianity*, New York, Crossroad, 1984, esp. 13.

¹⁴⁵MURPHY, F.J., *Apocalypses and Apocalypticism: the state of the question*, p.172-73: "The present need is for more in-depth studies of individual apocalypses. Such studies will contribute to historical knowledge of the religions and periods under discussion, and will result in a deeper knowledge of the genre and worldview of each of the apocalypses and of Apocalypticism in general"

familiaridade com o contexto judaico-cristão. Dito de outra maneira, da sua aproximação com a tradição profética cristã.

2.2

A pesquisa profética neotestamentária e o Apocalipse de João

A pesquisa no âmbito do livro do Apocalipse de João, nas últimas décadas, tem recebido uma particular atenção sobre sua proximidade com a literatura apocalíptica judaica e cristã, mas também releitura dos textos proféticos do AT. Esses dois focos têm proposto um novo redirecionamento das pesquisas exegéticas do Apocalipse de São João, em especial, devido ao olhar para a apocalíptica cristã, mas, sobretudo, o seu interesse pela profecia cristã, que, por sua vez, se destacou nas últimas décadas.

Ciente desse crescimento e dos enfoques temáticos sobre o texto do Apocalipse de João em particular, o tema do profeta e da profecia cristã nos obriga a uma ‘descrição’ panorâmica dos avanços e obstáculos superados nas pesquisas mais significativas desse período. Nesta área, a tese se propõe a examinar as propostas já realizadas neste campo por D. Hill, E.D. Aune, Forbes, K. Bauckham, e outras contribuições.

2.2.1

D. Hill¹⁴⁶

Para D. Hill, a profecia do Novo Testamento tem recebido pouca atenção dos centros de pesquisas. Normalmente, ela é avaliada na mediação da discussão sobre a necessidade de uma pesquisa neste campo, em particular, nos comentários de alguns escritos do NT., especialmente a I Coríntios e Apocalipse joanino¹⁴⁷.

A profecia neotestamentária apresenta uma diversidade de opções; contudo o Apocalipse de João é o mais significativo trabalho, pois se auto-entende como uma profecia (Ap 1,3; 22,7. 10.18)¹⁴⁸. Emerge, porém, uma interpelação: O que

¹⁴⁶HILL, D., *Prophecy and Prophets in the Revelation of St. John*, in *NTS* 18 (1971/72), 401-418.

¹⁴⁷HILL, D., *New Testament prophecy*, Atlanta, J. Knox, 1979, p. 1-47.

¹⁴⁸HILL, D., *Prophecy and Prophets in the Revelation*, p 70: “The choice in fact has to be made from Paul and his latter, the Acts of the Apostles and the book Revelation. All are valuable sources”.

Apocalipse de João compreendeu sobre a atividade profética dos cristãos no seu tempo e lugar? Segundo a opinião de muitos pesquisadores, o título do livro, as palavras iniciais de abertura e o seu conteúdo decisivamente conduzem para a literatura Apocalíptica, não profética. Dentro desse contexto, reaparece uma das questões de difícil solução: Como demarcar as linhas principais de identificação entre a profecia e Apocalíptica¹⁴⁹?

A distinção enfática de que o livro do Apocalipse de João não é um escrito apocalíptico, encontra-se na ausência de pseudonomia, o que assegura não ser uma ficção literária – um esotérico conhecimento – mas um des-velar, abrir, clarear mensagem escatológica e exortativa relacionada ao presente e ao futuro. Nessa perspectiva, o Apocalipse de João expressa claramente uma íntima relação com a tradição profética mais do que com a tradição apocalíptica, pois na abertura de seu livro e na conclusão, é evidente essa conexão¹⁵⁰. Outra característica peculiar do Apocalipse de João está vinculada à sua vocação profética, pois esta consiste essencialmente na interpretação da história, em especial, talvez, na interpretação histórica em seu contexto contemporâneo e futuro (Ap 1,19)¹⁵¹.

¹⁴⁹Ibid., p. 70-17 “The commonly held view that Apocalyptic represents a continuation or development of prophecy is contested by P. Vielhauer who argues that, while it was the intention of Apocalyptic writers to continue prophecy, this did not in fact take place, and the dualism, determinism and pessimism of Apocalyptic form the gulf which separates it from prophecy. With his customary vigor G. Von Rad declares that the view that Apocalyptic literature is the child of prophecy is ‘out of the question’, and claims that the decisive factor is ‘the incompatibility between the Apocalyptic literature’s view of history and that of the prophets’” (Cf. ROWLEY, H. H., *The relevance of Apocalyptic*, Lutterworth, London, 1955²; RUSSELL, D.S., *The Method and message of Jewish Apocalyptic*, London, S.C.M, 1965, 92s.; VIELHAUER P., *Apocalyptic*, *New Testament Apogrypha*, Vol. 2, in R. McL. Wilson, London, Lutterworth, 1965, p. 595-597; VON RAD, G., *Theology of the Old Testament*, Vol. 2, Edinburgh, Oliver&Boyd, 1956; HANSON, P., *The dawn of Apocalyptic*, Philadelphia, Fortress, 1975; KALLAS, J., *The Apocalypse – an Apocalyptic Book?* **JBL** 86, 1967, 69-81; JONES, B.W., *More about the Apocalypse as Apocalyptic*, **JBL** 87, 1968, 325-327.

¹⁵⁰HILL, D., Op. cit., p. 73 “The opening sentences of the book recall at a number of points the first words of the prophetic books (Is 1,1; Am 1,1; 3,7)...again, in chapter 10, John is the recipient of a clear prophetic call, the symbolic account of which recalls the vocation of Ezechiel (Ez 2,8-3,3) and the content or charge – to proclaim the oracles of God on the nations – remembers that of Jeremiah (Jr 1,10). The intention here may be to suggest, as J. Comblin argues, that with John there is a renewal or recommencement of prophecy (if John is capable of bearing this significance in v. 8: prophecy which relates to all nations and which includes words of promise as well as of judgment (Ap 10,7; 14,6s). Cf. COMBLIN, J., *Le Christ dans L’Apocalypse*, Tournai, Desclée&Co, 1965, 5. 82s; UNNIK, W.C. *A formula describing prophecy*, **NTS** 9, 1962, 86-94.

¹⁵¹HILL, D., Op. cit., p. 74 “for the Apocalyptists the events of their own time were not a locus of divine action and revelation: the present age was meaningless and evil, and would be swallowed up and destroyed in the End-time. The prophetic Heilgeschichte, on the other hand, speaks, not of the termination of history but of its fulfillment through God’s disclosure of himself in history” Cf. VON RAD, G., Op. cit., p. 303s; ROLLINS, W.G., *The New Testament and Apocalyptic*, **NTS** 17, 1970, 454-476, esp. p. 473 onde examina criticamente a tese de E. Käsemann ‘Apocalyptic is the mother of Christian theology’.

O Apocalipse de João é escrito na perspectiva de ser um livro profético, mesmo com o uso de elementos da tradição Apocalíptica. A linha profética é proposital, em particular, concernente à interpretação da história¹⁵². Desde o princípio, o autor do Apocalipse de João, em sua forma e conteúdo, parece ter fixado o seu escrito na dimensão profética. A sua similaridade com a forma profética do AT e em sua peculiaridade com a função da profecia são marcas fundamentais na investigação do mesmo. Portanto, as análises do profeta e da profecia cristã seguem basicamente estes dois eixos: a forma e o conteúdo¹⁵³.

A análise da forma inclui certamente dois pontos principais: a) a análise do vocabulário e das frases; b) a extensão dos elementos formais. W. C. Van Unnik tem proposto que a análise de Ap 1,19 já contém, em si, a ‘fórmula de profecia’. Outros fundamentos aludem à importância da ‘audição’, uma típica característica da experiência profética do AT: ‘ouvir’ – ‘akouo’ – ocorre 27 vezes no livro, referindo-se à recepção da revelação profética¹⁵⁴; ou ainda, ‘a palavra de’ como uma característica da proclamação profética de ambos os testamentos, portanto se trata de uso comum¹⁵⁵; assim, o Apocalipse de João, da mesma forma, reutiliza a imagem de ‘δουλος’ (servos) como foram chamados os profetas do AT. Esse emprego caracteriza o cristão profeta em Ap 1,1; 10,7 e em Ap 11,18, onde a igreja-profeta passa a ser uma nomenclatura para distingui-los dos cristãos em geral (Santos), como em Ap 18,24¹⁵⁶.

Outros termos ou vocabulários aparecem e reaparecem no conjunto do livro que é, de certa maneira, associado à profecia do Apocalipse de João. Merece uma atenção particular a expressão ‘logos tou theou’ ou a palavra ‘logos’ e o termo ‘martyria’¹⁵⁷, e seus derivados. A palavra ‘logos’ pode ter o sentido de um

¹⁵²FEUILLET, A., *L'Apocalypse: État de la question*, Paris, 1963, 8: “The profound originality of the Johannine Apocalypse. Lies in the fact that, whilst making use of the style, imagery and methods of Jewish Apocalyptic, it remains faithful to that which creates the greatness of ancient prophecy”

¹⁵³HILL, D., *New Testament*, p. 76

¹⁵⁴Ibid., p. 76.

¹⁵⁵MINEAR, P.S., *I saw a New Earth*, Washington, Corpus Book, 1968, p. 43 “John’s use of an Old Testament. The Old Testament prophets had established this formula as the appropriate introduction for God’s address to his people. This conventional formula, simple and direct, would conjure up in a worshipping congregation the fear and trembling associated with standing before God and hearing his awesome words of judgment and warning”.

¹⁵⁶HILL, D., Op. cit., 407-409 “John, of course, uses *doulos* and *douloi* as a term for Christian in general (Ap 2,20; 7,3; 19,2; 22,3).

¹⁵⁷HILL, D., Op. cit., p. 81 “The *martyria* Iesou is indistinguishable from the contents of the book – the revelation of Jesus Christ which witnesses to the purpose of God (the word of God), and

oráculo ou de revelação como forma de expressão presente já no Grego, na LXX e no NT¹⁵⁸.

No Apocalipse de João, esses termos foram provavelmente associados ao profeta cristão. De fato, ‘logos; logoi’ estão descritos como ‘propheteia’ no Ap 1,3; 22,7. 9-10; 18,19. O plural ‘As palavras de Deus’ (Ap 17,17; 19,9) tem enorme probabilidade de ser oriunda do AT, ‘dibrê ‘lohim-IHWH faz referência à intenção de revelar por meio dos oráculos proféticos¹⁵⁹.

O autor do Apocalipse de João ampliou os elementos formais da apocalíptica associando-os ao gênero profético, como podemos observar no uso da linguagem em primeira pessoa para a divindade. Esse tipo de linguagem, na primeira pessoa, era parte integrante da ‘*Messenger-formula*’ no Antigo Oriente Próximo, “*completely submerged his own ego and spoke as if he were his master himself speaking to the other*”¹⁶⁰. Essa fórmula foi adaptada pelos profetas do AT¹⁶¹. Portanto, o uso do discurso profético no Apocalipse de João se vincula à profecia vetero-testamentária mais do que aos escritos Apocalípticos.

A narrativa do Apocalipse de João absorve as imagens do AT, adaptando-as à sua proposta (Ap 1,10-20). O autor descreve a visão da ‘Teofania-trono’, na qual inaugurou a iniciativa profética. Embora nada indique, à primeira vista, que o autor receberá uma inspiração profética, em Ap 10, há recepção de um contudente chamado profético ou investidura. A visão do capítulo I não permite necessariamente descrever uma experiência que o constitua profeta. Não obstante sobre duas passagens (Ap 10,8-10; 1,10-20) e, em particular, a frase ‘*Eu fui em Espírito*’, possibilita-nos enxergar a recepção e narração dessas passagens como um elemento característico da experiência profética cristã e de sua atividade¹⁶².

‘those who have the martyria Iesou’ describes the body of faithful Christian whose attestation and confirmation of Jesus’ witness will eventually, in the circumstances envisaged, bring about persecution and death”.

¹⁵⁸ARNDT, W. F. e GINGRICH, F. W., *A Greek-English lexicon of the New Testament and other Early Christian literature*, Cambridge, Cambridge, 1957, 479; TRITES, A. A., *The New Testament concept of Witness*, Cambridge, Cambridge, 1977; STRATHMANN, H., μαρτυρία, *TDNT*, Vol IV, p. 474-515.

¹⁵⁹SWETE, H. B., *The Apocalypse of St John*, London, Macmillan, 1909, 225s.

¹⁶⁰VON RAD, G., Op. cit., 37.

¹⁶¹KOCH, K., *The Growth of the biblical tradition*, New York, Scribner’s, 1969, 189s; Cf. HILL, D. *New Testament*, p. 81 “*The remarkable feature in comparison to Old Testament prophetic speech is that the ‘I’ with which the prophet John speaks belongs almost exclusively, not to God but to the exalted Jesus or the Spirit...*”

¹⁶²HILL, D., *New Testament*, p. 82.

E. Käsemann tem proposto ‘sentences of holy law’ (Sätze heiligen Rechtes) como uma antecipação escatológica ‘ius talionis’ (I Cor 3,17; 14,38) que originou a expressão profética¹⁶³, o modelo de instrução – paraklesis – e o arrependimento (Busspredigt). Portanto, o estudo crítico da forma tem apresentado detalhes mais que óbvios do material profético tradicional no livro¹⁶⁴.

Mesmo com a utilização das imagens, fórmulas e modelos da tradição profética do AT, não se trata de uma combinação de materiais ou justaposições, mas, sobretudo, é uma nova composição idealizada pelo autor, para o qual o material profético é o eixo de livro¹⁶⁵. Embora o Apocalipse de João tenha sido influenciado por escritos Apocalípticos tardios, sabe-se da estreita relação com a tradição joanina¹⁶⁶.

Tendo revisado ambos os aspectos da linguagem e das formas que têm caracterizado a profecia cristã, discernida no Apocalipse de João, passaremos agora a uma síntese de alguns temas da proclamação profética, oriundas dessa pesquisa.

- a) A profecia cristã é um veículo de significativa ação do julgamento divino e de uma direção precisa para a vida da igreja, onde o chamado à conversão é oferecido aos cristãos. A mensagem profética é diretamente direcionada à comunidade de fé¹⁶⁷.
- b) A profecia cristã interpreta a história sobre a base de Heilsgeschichte (história da redenção). A mensagem profética é fundada sobre a afirmação decisiva de Deus, em Jesus Cristo: acontecimento, fonte dos

¹⁶³KÄSEMANN, E., *Sentences of Holy Law in the New Testament, New Testament Questions of today*, London, S.C.M, 1967, 66-81; Cf. Cf. HILL, D. Op. cit., p. 83 “Overcoming-words, by reason of their eschatological character, may well have been a form used occasionally in early Christian prophecy”.

¹⁶⁴MÜLLER, U., *Prophetie um predigt im Neuen Testament*, Gütersloh, 1975, 104s ele compreende o ‘overcoming words’ como um caráter parenético. Mais ainda, ele considera que esses dois modelos se entrelaçam na composição literária do livro; Cf. WESTERMANN, C., *Basic forms of prophetic speech*, London, Lutterworth, 1967; Cf. COTHENET, E., *Le prophétisme dans le Nouveau Testament*, in DBsup, Paris, 1971, 1222-1337. Provavelmente o mais amplo e compreensivo balanço da discussão sobre o fenômeno da profecia cristã.

¹⁶⁵HILL, D., Op. cit., p. 84 “there can be no doubt that the seer of Revelation constantly and consciously alludes to the Old Testament, and especially the prophetic books of Isaiah, Jerimiah, Ezekiel, Daniel and Zachariah, in order to show that the history of the Church unfolds in conformity with the witness of Scripture”.

¹⁶⁶CHARLES, R.H., *The Revelation of St John*, Edinburgh, Clark, 1920; HAHN, F., Op. cit., 357s.

¹⁶⁷BAUCKHAM, R., *Synoptic parousia parables and the Apocalypse*, NTS 23, 1976, 162-176

profetas, testemunha fiel e a vitória de Deus na história atual, mas, sobretudo, num período breve da história, a soberania de Deus¹⁶⁸.

- c) A profecia cristã é caracterizada pelo pronunciamento do julgamento divino. Esse julgamento é direcionado, sobretudo, aos não-convertidos, aos cristãos infiéis e aos inimigos da igreja¹⁶⁹.

O propósito é vislumbrar a relação do ‘profeta João’ com a comunidade cristã, situada na Ásia Menor, mas, em particular, com os assim chamados ‘irmãos profetas’. O profeta vivencia sua autoridade no interior das comunidades a ele confiadas. Na sua atividade e no seu discurso, faz-se presente o teor da tradição profética bíblica, mesmo que, em sua descrição, o autor do Apocalipse, em nenhuma parte de sua composição se autodenomine profeta; ao contrário, sempre procura identificar-se com o termo ‘adelfos’ - irmão. Entretanto, sua autoridade é inquestionável, pois quem o sustenta é Deus¹⁷⁰.

O autor tem consciência de que sua autoridade foi dada por Deus a ele através da revelação. Essa autoridade parece indiretamente distinção para com os outros profetas, seus irmãos, em dois aspectos: em primeiro lugar, ele escreveu um livro profético com característica inovadora em sua composição literária; em segundo lugar, tem a função, em particular, de mediar a revelação de Cristo¹⁷¹. O profeta cristão é o ‘ser humano’ guiado pelo Espírito (Ap 1,10; 4,2; 17,3; 21,10), conforme diz E. Boring: “a origem reveladora é o encadeamento *Deus\Jesus-anjos-profeta-igreja* reduzida funcionalmente para *Cristo-profeta-igreja*. O profeta é aquele que se localiza entre o Cristo ressuscitado e a Igreja, dando voz

¹⁶⁸HILL, D., Op. cit., p. 86 “*the interest in the prophetic portrayal of eschatological events (with are regarded as rapidly approaching) is really their significance for John’s own time: he offers no review of past history: he is not concerned with predicting events in the near or distant future, but with addressing a church presently involved in a situation of stress and oppression*”.

¹⁶⁹BORING, M.E., *The Apocalypse as Christian prophecy*, SBLSP 2, 1974, 43-62 “*there is a sense in which all the visions of the future judgment have a ‘fait-accomplished’*. There is thus a combination of ‘already’ and ‘not yet’ in the pronouncements of judgment: the whole is cast in a ‘not yet’ framework, within which there are declarations that judgment, is already accomplished”.

¹⁷⁰HILL, D., Op. cit., p. 87 “*Nevertheless he nowhere has to authenticate or establish this authority, an authority so great that some scholars suggest that he stands closer to Old Testament prophecy than to what we know from elsewhere of New Testament prophecy*” ; Cf. FRIEDRICH, G., προφήτης, TDNT, Vol. VI, 849-853.

¹⁷¹HILL, D., Op. cit., p. 88 “*John is the leader of a prophetic group, rather than merely a member of such a group – a difference in degree, certainly in terms of authority, rather than in kind – it would be unwise to extrapolate too readily from his activity and the content of his prophesying to those of other prophets in the Asia Minor churches. Whether there were authorities other than the prophets in the church (es) of the book of Revelation is a question on which there is no consensus of opinion*”; Cf. BO REICKE, B., πρό, TDNT, Vol. VI, 683-688.

para a igreja do Senhor que é já presente no ‘espírito’, mas seria muda sem seu profeta¹⁷².

O profeta cristão é plenamente autorizado a ser testemunha de Jesus; ainda que suas palavras sejam emanadas do Espírito, o Senhor mesmo fala para a sua igreja. Ele, então, é chamado a interpretar a história, não de uma história passada ou futuro, mas concretamente de sua situação, ou melhor, da realidade vivida pelos membros da comunidade, em particular, a perseguição daqueles que estão em oposição a Deus.

O profeta cristão reinterpreta o AT à luz dos últimos acontecimentos: o evento Jesus Cristo. As imagens do Antigo Testamento devem ser compreendidas a partir da ação de Deus em Cristo – crucificação e glorificação – o AT como chave de leitura para a situação contemporânea da comunidade¹⁷³.

Em resumo, podemos dizer que a obra de D.Hill evidencia com enorme competência o ‘perfil’ do profeta cristão e da sua profecia. Sua pesquisa sintetiza os principais elementos característicos do mesmo, sobressaindo, em especial, a atenção dada ao Apocalipse de João.

O autor compõe sua obra na perspectiva da profecia, mesmo levando em consideração o fato de que o profeta cristão primitivo provavelmente tenha composto sua mensagem para ser proclamada, ou seja, uma mensagem para ser transmitida oralmente. O autor articula a tradição profética judaico-palestinense, na qual o profeta-autor do livro assume um lugar especial na narrativa¹⁷⁴.

¹⁷² BORING, M. E., Op. cit., 54: “*The original revelatory chain God/Jesus-angel-prophet-church is reduced functionally to Christ-prophet-church. The prophet is the one who stands between the risen Christ and the Church, giving voice to the Church’s Lord who is already present as **pneuma** but would be mute without his prophet*”.

¹⁷³ HILL, D., Op. cit., p. 91 “*But the Christian prophet does not operate in a deductive fashion, quoting the Old Testament and then giving the Christian meaning, but under inspiration (as in the case of the Qumran Teacher of Righteousness) which allows him to perceive the Old Testament texts, not as words merely to be reflected upon but as oracles which form a living unity with his own message*”.

¹⁷⁴ HILL, D., Op. cit., p. 93.

2.2.2

E.D. Aune¹⁷⁵

E.D. Aune, em 1982, apresenta-nos na introdução de sua obra, o ‘estado da questão’ no qual descreve as principais contribuições desde a década de 1950. Pontua as cinco mais significativas pesquisas que se dedicaram a investigar exaustivamente não só a profecia cristã nos textos neotestamentários, mais também, a profecia cristã no cristianismo primitivo¹⁷⁶.

Essas pesquisas se desenvolveram inicialmente a partir da obra de H. A. Guy¹⁷⁷. Trata-se de uma revisão de sua tese com o título: *New Testament Prophecy: Its Origen and Significance*. A partir dessa obra, o autor dedica uma modesta parte ao profetismo na igreja do primeiro século, ou seja, apenas as páginas 90-118. O ponto central de sua tese não era a profecia neotestamentária, mas a profecia inserida na mensagem de Jesus de Nazaré.

H.A. Guy sinaliza para o fim da profecia, porque o seu auge já foi alcançado em Jesus de Nazaré. Ao descrever o movimento profético, integra-o em três momentos: a) o profeta é isolado da comunidade, passa a ser uma figura rara, ou quase desconhecida; b) assume as características representadas por Paulo, para o qual a profecia serve para edificar, exortar e consolar; c) a ligação estreita entre o profetismo cristão e as expectativas Apocalípticas¹⁷⁸.

Para E.D. Aune, o título dado à obra de H.A. Guy é inadequado, principalmente porque não aprofunda a problemática do profeta e da profecia cristã em sua origem.

Doze anos após essa publicação, o autor escreve um verbete no *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*¹⁷⁹, sem apresentar avanços significativos. Contudo, a contribuição de G. Friedrich preenche satisfatoriamente as lacunas anteriores. Na seção central do verbete, amplia e aprofunda a pesquisa

¹⁷⁵AUNE, E.D., *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, Michigan, 1982.

¹⁷⁶ELLIS, E., *Prophecy and Hermeneutic in Early Christianity*, in PANAGOPOULOS J. (ed.), *Prophetic vocation in the New Testament and Today*, Leiden, 1977, p 46-57.

¹⁷⁷GUY, H.A., *New Testament prophecy. Its origins and significance*, London, 1947.

¹⁷⁸GUY, H.A. Op.cit., 90-118. “Tra il profetismo cristiano e le attese Apocaliptiche v’era uno stretto collegamento. Quest’ultimo punto è piuttosto espressivo, poiché molti neotestamentaristi tedeschi e americani tendono a mantenere ben distinte profezie e Apocaliptica”

¹⁷⁹GUY, H.A., GLNT XI, 439-652. Vale apenas ressaltar neste verbete o trabalho de G. Friedreich, especialmente as páginas 567-652.

sobre profetas e profecias no NT. A contribuição desse autor vai além de uma simples descrição e análise sobre os profetas e sua profecia como fenômeno histórico e literário, uma vez que proporciona pistas teológicas peculiares, o que permite uma valorização desse testemunho.

A sua definição da figura do profeta cristão é “essencialmente um anunciador da Palavra de Deus”. Expande, a seguir, sua definição: “*La profezia proto cristiana é il discorso ispirato del predicatore carismatico, mediante cui si rende noto il piano salvifico di Dio nei confronto del mondo e della comunità, oltre che la volontà di Dio per la vita del singolo cristiano*”¹⁸⁰ Em sua apresentação, o autor observa que os profetas cristãos não se sobrepõem à comunidade, mas exatamente como membros da mesma, somam-se aos outros membros. Essa linha de raciocínio é similar à compreensão do profetismo judaico, porém o eixo profético cristão encontra seu progresso e auge no livro do Apocalipse de João.

Para E.D. Aune, o autor se perde em afirmações muito genéricas, quando, por exemplo, sinaliza para o fato de que nem sempre é possível traçar uma clara distinção entre ‘êxtase’ e a inspiração derivada da possessão do Espírito e da revelação profética¹⁸¹. A contribuição de G. Friedrich apresenta um esboço amplo dos profetas e profetismo no primitivo cristianismo; no entanto, consciente da necessidade de futuros estudos.

A idéia de que o profeta e a profecia antecedem o cristianismo primitivo, sustentando-se na consciência da presença do espírito na comunidade, tanto que o dom da profecia, a rigor dos termos, não foi e não poderia ser monopólio de indivíduos, é na realidade uma visão mais teológica do que histórica.

O trabalho de E. Cothenet¹⁸² é um valioso instrumento na compreensão do amplo mundo onde se insere a profecia neotestamentária. Estrutura seu trabalho em oito tópicos:

1. a sobrevivência profética no judaísmo;
2. João Batista;
3. os profetas da primitiva comunidade cristã;
4. os profetas cristãos nas cartas de Paulo;

¹⁸⁰FRIEDRICH, G, προφήτης, in GLNT (Trad. It di G, Kittel, TWNT), XI, 617.

¹⁸¹AUNE, E. D., Op. cit., p. 59.

¹⁸²COTHENET, E., *Prophetisme dans le Nouveau Testament*, in DBSup VIII, 1972, 1222-1337.

5. os apóstolos e os profetas na prisão;
6. a luta contra os falsos profetas;
7. o espírito da profecia no ‘corpus joânicos’;
8. o declínio da profecia.

Ao ‘corpus joânicos’, incluem-se as cartas e o Apocalipse de João (excluindo o Evangelho, considerado somente em função do papel profético do paráclito). Do livro do Apocalipse não se pode deduzir nenhuma consciência da concreta atividade dos profetas, como tem constatado Bauckham, que o Ap reflete a situação antiga de um pequeno grupo de cristãos¹⁸³.

“Partendo dalla testimonianza di Gesù Risorto per opera dello Spirito di Dio, la missione profética della chiesa nel corso dei secoli è unita alla testimonianza di chi furono scelti come apostoli e profeti e formano il fondamento stabile della nuova Gerusalemme (Ap 21,14; Ef 2,20)”¹⁸⁴

E. Conthenet progride na hipótese de que o dom da profecia se dá no período em que se construirão as bases da igreja, enquanto a sua construção verdadeira e própria faz-se obra dos indivíduos dotados de carismas diferentes. A profecia, todavia, não seria realmente cessada, enquanto é perene o exercício da igreja pregar a sua mensagem, não obstante a hostilidade daqueles que exorta.

A obra de T.M. Crone¹⁸⁵ tem sido reconhecida em sua importância pelo fato de sublinhar a profecia cristã em seu contexto histórico-religioso, ou seja, no seu ‘Sitz im Leben’. Dedicava cinquenta por cento do livro à descrição da profecia em torno do mundo contemporâneo e ao primitivo cristianismo. A sua vinculação com a religião grega é útil, enquanto ele individua dois importantes tipos de profetas: 1) os profetas oraculares; 2) os pregadores itinerantes da época helenística.

Esse autor apresenta uma equilibrada análise da Apocalíptica judaica, na qual ele detecta uma continuidade ou descontinuidade em relação à profecia clássica de Israel. Percebe, todavia, uma ausência de consciência profética (vale dizer, pouca referência ao espírito por parte dos Apocalípticos).

¹⁸³Ibid., p. 1318.

¹⁸⁴Ibid., p. 1331.

¹⁸⁵CRONE, T.M., *Early Christian Prophecy. A study of its origin and function*, Baltimore, 1973.

Segundo T.M. Crone, o Apocalipse de João individua duas tradições proféticas: a) uma forte ligação com a Apocalíptica judaica, na qual o status é semelhante aos outros profetas do mesmo campo com que se identificam; b) simbolizada em ‘jezabele’ que representa um influxo helenizante ao interno da comunidade.

Ambas, em seu contexto específico, reivindicaram para si a veracidade da inspiração, o que possivelmente, nos leva a crer que os profetas constituíram um grupo coeso e bem identificado na comunidade da qual fala o Apocalipse. O autor finaliza sua obra com uma breve exposição sobre as origens, o desenvolvimento e as funções da profecia cristã primitiva.

Na igreja palestinese, a profecia estava sob a influência do profetismo escatológico do movimento judaico de libertação, no qual provavelmente está implicado o contexto do Apocalipse de João.

A função complexa da profecia cristã em suas origens foi a de pregar, em particular, exortar ou admoestar com vigor ou de maneira estática, ensinar, pré-dizer o futuro (vidente) e exercitar a clara visão. O ambiente comum dessa atividade era a liturgia, na qual a profecia fora vista mais como um exercício do que uma tarefa.

A contribuição própria de T.M. Crone se deve a duas perspectivas: por um lado, ele estabelece uma conexão tipológica entre os profetas do movimento de libertação judaica e alguns profetas primitivos cristãos do tipo Apocalíptico; por outro lado, a afinidade entre os pregadores itinerantes helenísticos e outros tipos de profetas cristãos primitivo.

A novidade de seu trabalho é a aceitação da inter-relação de ambas as perspectivas da profecia, ou seja, ela não cria uma diferença forçada e artificiosa entre a profecia cristã primitiva e a profecia helenística. Seu estudo tem, como foco, o eixo histórico presente no conjunto de sua obra; assim, ele se distancia dos domínios teológicos.

O objetivo inicial da pesquisa de D. Hill¹⁸⁶ é estabelecer uma síntese do estado da questão dos estudos mais recentes, a partir da obra de H. A. Guy, de 1947. Logo no início, D. Hill estabelece o limite de sua pesquisa, isto é, com muita habilidade descreve os avanços dessa problemática e o ambiente

¹⁸⁶ HILL, D., *New Testament prophecy*, Atlanta, John Knox, 1979.

circunvizinho, em particular, a imagem do profeta cristão na literatura cristã primitiva.

Com isso, ele possibilita vislumbrar o profeta cristão como um membro atuante na comunidade, onde regularmente ou ocasionalmente adquire e expressa, por convite ou por inspiração divina, seu anúncio, exposto publicamente à comunidade, podendo ser feito pela proclamação oral e por mensagem escrita para toda a comunidade.

A orientação teológica é basicamente assegurada pela estrutura interpretativa canônica válida, isto é, os seus motivos não permitem confrontar com a problemática da profecia neotestamentária. Somente num segundo momento se faz menção à profecia clássica de Israel. Essa, contudo, é exposta na dialética tensão com a literatura intertestamentária rabínica e com os manuscritos do Mar Morto.

Em relação ao Apocalipse de João, D. Hill afirma explicitamente ser uma profecia. Segundo sua pesquisa, a afinidade com a ‘profecia’ é muito forte, mesmo percebendo que o estilo e as imagens aplicadas pelo autor pertencem à literatura apocalíptica tradicional, sem negar, contudo, a tenacidade do discurso profético no qual se apóia no ambiente bíblico¹⁸⁷.

A partir de sua investigação exegética, D. Hill desenvolveu os traços pertinentes da profecia cristã presente no texto do Apocalipse de João. Destacamos, aqui, os quatro principais traços descritos por D. Hill:

1. discurso na primeira pessoa da divindade;
2. narrações da chamada profética;
3. sentença da lei sagrada;
4. modelos de pregações prescritas e penitenciais – Busspredigt.

Esse último traço é incluído na obra de U. B. Müller¹⁸⁸. Neste ponto, a sua pesquisa sobressai devido ao escasso avanço da investigação na tentativa de descrever de forma precisa o discurso profético cristão primitivo. Sua pesquisa evolui ainda mais, no momento em que aprofunda sua hipótese: O profeta seja

¹⁸⁷Ibid., p. 75.

¹⁸⁸MÜLLER, U.B., *Prophetie und predigt im Neuen Testament. Formgeschicht-liche Untersuchungen zur urchristlichen prophetie*, Gütersloh, 1975.

inseparável, num certo sentido, do conjunto de fiéis, sem, contudo, menosprezar a qualidade profética presente em toda a comunidade.

Para E.D. Aune, o autor tem dificuldade em demonstrar os traços proféticos do NT, principalmente devido ao confronto explícito com os falsos profetas (πσευδοπροφητης), porém a pesquisa é valiosa, em particular, pela sua evolução. Essa possibilitou uma melhor compreensão do profeta e da profecia neotestamentária. Além disso, proporcionou um crescente interesse pela pesquisa neste campo.

Em síntese, surgem nessas obras diversos pontos, aqueles que mesclam os elementos teológicos ou os que inserem dados históricos em seus argumentos. No entanto, o objetivo desses estudiosos é compreender os profetas e a profecia como fenômenos históricos inseridos no cristianismo primitivo. Por isso, essa aproximação pode ser baseada na suposição de que o ambiente neotestamentário ainda não possuía uma ampla percepção conceitual e teológica do tempo que prescrevera o método da literatura textual¹⁸⁹.

2.2.3

C. Forbes¹⁹⁰

C. Forbes, em sua obra intitulada: *Prophecy and Inspired speech in Early Christianity and Its Hellenistic Environment*, propõe-se a estudar o paralelismo¹⁹¹ existente entre o fenômeno de inspiração no helenismo e a profecia do NT, bem como as outras formas de discurso inspiradas dentro do primeiro século cristão. Sente-se motivado a esse trabalho, por constatar nos estudos recentes a valorização do âmbito veterotestamentário, e o menosprezo dado à compreensão

¹⁸⁹DUNN, J.D.G., *Unity an diversity in the New Testament*, London, 1990²

¹⁹⁰FORBES, C., *Prophecy and Inspired speech in Early Christianity and Its Hellenistic Environment*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1995. p. 2 “My conclusions, therefore, relate not to early Christian prophecy and inspired speech more widely, but to prophecy and inspired speech as they were conceived of by Paul and Luke.

¹⁹¹FORBES, C., Op. cit., p. 9 “...parallel complexes of terminology, and even more importantly, for parallel complexes of ideas and phenomena related to this terminology. In our particular case a close parallel in terms of inspired speech would be not merely the use of the terms for ‘prophecy’, but the fact of similar prophetic phenomena, recognizable to members of both cultures as similar, performing similar social functions, and perhaps even understood by way of similar conceptual frameworks. The more the features of the complexes of concepts and phenomena we call ‘prophecy’ are similar, the stronger the parallel.

da profecia do primeiro século no ambiente judaico, além de pouca atenção ao fenômeno da inspiração no âmbito da cultura helênica.

M.E. Boring propõe “como tarefa principal, do seminário SBL sobre as primitivas profecias cristãs, investigar o fenômeno da profecia no mundo helênico, antes de e a partir de sua manifestação no cristianismo primitivo. Cada corpo principal de materiais relevantes será investigado em termos de dados e entendimentos da profecia que ele oferece, com o propósito de focalizar melhor a manifestação dos fenômenos proféticos no mundo do qual o cristianismo nasceu¹⁹²”.

Qual é a melhor definição de Profeta, a partir das fontes cristãs? Ou ainda, como definir os traços da ‘singularidade’ do fenômeno profético, num corpo definido como Apocalíptico? Será que estabelecer os princípios fundamentais do Profeta, baseados nas fontes cristãs são apropriados ao mundo greco-romano, visto que há diferenças cruciais entre o uso do termo *προφητης* no cristianismo primitivo e a sua utilização no amplo mundo greco-romano, destacando, sobretudo, as diferenças que não são meramente semânticas, mas apontam para a estrutura conceitual do contexto no qual o termo foi empregado? Ou ainda se pode falar de profeta limitada e exclusivamente a partir do contexto cultural semítico ou existem outros componentes característicos do profeta oriundo do mundo helênico que possibilita traçar um perfil comum?¹⁹³ A questão é se o discurso inspirado no mundo greco-romano tomou a forma característica de uma linguagem ininteligível, ou se o discurso inspirado na religião foi concebido como um dom milagroso da linguagem? Diante dos questionamentos, emerge a necessidade de delimitar os parâmetros daquilo que realmente seja primordial na reconstituição do Profeta cristão.

Não estamos defronte de um problema meramente teórico. Há diferença de níveis terminológicos fundamentais entre o emprego do termo *προφητεία* no cristianismo primitivo e a utilização do mesmo no mundo greco-romano. Além

¹⁹²BORING, M.E., *What are we looking for? Toward a Definition of the Term “Christian Prophet”*, **SBLSP**, Missoula, 1973, 142-154, esp. p. 142.

¹⁹³FORBES, C., *Op. cit.*, p. 189, nota 3 “*we must remember that early Christianity did not describe every form of inspired speech as prophetic. We have a responsibility to take notice of this fact, or we will not be doing justice to our sources. Luke’s and Paul’s implicit definitions are not the only ones possible, but they are not to be ignored*”.

disso, as diferenças não se limitam aos aspectos semânticos, pois indicam também uma distância na sua concepção estrutural dentro da qual o termo está inserido.

No Novo Testamento, o termo *προφετία* é empregado por Paulo 9 vezes, sendo entendido como a habilidade e dom de profetizar – falar mensagens inspiradas pelo Espírito, recebido por um membro da comunidade. No cristianismo primitivo, *προφετία* prevaleceu à compreensão de habilidade de falar mensagens provenientes por inspiração; já no mundo helênico, recebeu outro nome, foi chamada de *μαντις*. A profecia foi uma posição oficial nos santuários oraculares, e não tinha relação direta com o discurso inspirado para todos. O uso do verbo profetizar designa a atividade de entregar um oráculo (10 vezes em Paulo, 6 vezes em Lucas); no contexto helênico, o significado ‘manter o ofício de *προφήτης*’¹⁹⁴. Outro ponto a ser refletido dessa problemática é a concepção do termo profeta cristão.

Para C. Forbes, são dois fatores motivadores da investigação referindo-se à profecia cristã, isto é, à função e à atividade do exercício profético. Trata-se de uma difícil tarefa de responder a todas as interpelações relacionadas ao profeta e sua profecia cristã. Partindo da definição proposta por M.E. Boring, “a profecia no cristianismo primitivo é caracteristicamente exercida por aqueles que se denominam profeta”. Portanto, o profeta e profecia cristã devem ser mediados pela função e carisma exercido na comunidade. A partir dessa definição ‘funcional’, fica assegurada a inter-relação, na configuração do profeta e de sua profecia cristã, a qual se deve levar em conta os traços da cultura profética greco-romana¹⁹⁵.

C. Forbes está de acordo com a contribuição de M.E. Boring, contudo, propõe-se a trilhar a história do termo *προφήτης* em seu desenvolvimento cronológico, isto é, dos estudos antigos até as novas evidências. O objetivo é clarear dois maus entendimentos do termo: a) no período helênico, o termo *προφήτης* foi largamente empregado para designar êxtase\arrebatamento e esse uso se tornou iluminador para o cristianismo primitivo; b) o termo foi agregado em

¹⁹⁴Ibid., p. 190. Ausência da estatística referente o livro do Apocalipse de João.

¹⁹⁵Ibid., p.190: “*In my view there are two strong reasons why working definitions ought to be formulated with reference to ‘Christian prophecy’, that is, the function, as well as the person exercising it. The first reason is that Boring’s definition assumes that in early Christianity prophecy is characteristically exercised by those called prophets, which may or may not be the case*”.

nosso período para mestre andarilho; esse emprego é valioso para a nossa compreensão da relação entre o cristianismo primitivo e seus ambientes.

O aspecto terminológico do termo προφήτης, em texto extra-bíblico, se estabeleceu como orador oficial. Sua função era proclamar o oráculo, o que caracteriza sua omissão na construção e composição oráculo. A investigação da função do προφηταί é descrita, com muita propriedade, por T.M. Crone, em sua obra: “*Early Christian Prophecy: a study of its origin and function*”¹⁹⁶. A partir desse trabalho, tem-se hoje um consenso entre os pesquisadores, pois, de fato, o termo προφήτης, ao longo de história, transcorreu diversas etapas.

Na Grécia Clássica¹⁹⁷ – o termo προφήτης e seus derivados apresentam três significados, todos co-relacionados claramente para o sentido etimológico do termo: proclamador ou anunciador: a) classe de oficiais dos santuários oraculares – mediam oráculos de outro não necessariamente inspirado; b) pessoas inspiradas que tanto receberam quanto proclamaram oráculos dos deuses – foco aqui é proclamador de tais oráculos, em lugar de receptores inspirados deles; c) empregado como termo técnico - no sentido de algum proclamador oficial estar falando em nome dos deuses.

No período Helênico¹⁹⁸, todos os três empregos expostos acima são continuados, embora mereçam ser destacado dois aspectos desse período: Primeiro, o emprego do termo προφήτης pelos gregos para alguns dos sacerdotes egípcios. A complicação, neste contexto, é que estes sacerdotes aparentam não ter nenhuma ligação particular com os problemas dos oráculos; Segundo, é a adaptação do termo realizada pelos tradutores da LXX, na qual o termo *nabi'* a priori foi associado ao contexto de inspiração, pois somente posteriormente atinge a função e o valor de inspirado¹⁹⁹.

Para C. Forbes é um período frutífero, pois se tem descoberto bastante epígrafo e papiros com material relacionado ao προφήτης. Nesse se descobre que

¹⁹⁶CRONE, T.M., *Early Christian Prophecy: a study of its origin and function*, Maryland, St. Mary's University, 1973,

¹⁹⁷Ibid., p. 190-192.

¹⁹⁸Ibid., p. 199.

¹⁹⁹CRONE, T., *Prophecy*, p. 14, “that it could have been that the first nabi passages to be translated concerned temple prophets (Cf. Zachariah 7,3), and the προφήται in Greece were first of all cult officials. More probably, however, the translators thought first of the major prophets as preachers and announcers of the will of God, and this function is well described by the basic meaning of προφήτης.”

o termo προφήτης, no período helênico, tem uma continuidade da compreensão das funções oficiais dos santuários oraculares. O emprego desse termo, aplicado livremente nos textos, refletindo o seu contexto, a priori, parece pertencer ao ambiente comum das duas culturas.

Na literatura primitiva cristã, o termo foi direcionado àqueles membros da comunidade que assumiam falar como representante do Cristo Ressuscitado ou do Espírito Santo. Essa alegação tem sido aceita por que o uso cristão foi agregado ao fato de que ‘no final dos tempos do período helenísticos’, no qual os ‘entusiasmos frenéticos’ foram comumente chamados προφήται. Os profetas foram descritos como μάντις²⁰⁰, embora sejam poucas as evidências que sustentam essa concepção, ela é em si mesma inaceitável. Portanto, a síntese proposta por E. Fascher está equivocada, pois o termo μάντις e προφήτης são termos complementares, não equivalentes. “*Mantis its einer, der etwas Sieht. Sofern er diese Geheimnisse den Menschen mitteilt, ist er Prophetes.*”²⁰¹. Para M. Turner, ele corretamente argumenta que se tem buscado somente a significação da palavra²⁰².

Ao longo de sua pesquisa sobre a trajetória histórica do termo προφήτης, C. Forbes pôde constatar que, no período primitivo, em particular, nos ambientes circunvizinhos não aparece o significado de inspiração. Ao contrário, o termo foi empregado, na maioria das vezes, para designar uma função, ou seja, um orador oficial que fala em nome de alguém. Portanto, sustenta-se que no período a questão da inspiração é inexistente nesse contexto. Além disso, propõe que a tentativa de encontrar paralelos entre o profeta cristão primitivo e aqueles descritos como προφήται no mundo helênico é particularmente inútil. Se queremos realmente encontrar algum ponto significativo de contato entre a

²⁰⁰FORBES, C., Op. cit., p. 192, nota 9 “H. Kramer, in G. Friedrich, ed., TDN T., vol. 6, 1959, E.T. 1968, p. 790: ‘While the functions of both (προφήτης and μάντις) ... are allotted to different persons, they may often fall to the same person, and in this case they denote different aspects ...’ The most common case of this dual role is, naturally, the Delphic προφήτης: the term is rarely used in this dual sense in the masculine form in this period. Outside the case of the Pythia, the more normal term is μάντις.”

²⁰¹FORBES, C., Op. cit., p. 196, nota 25, “E. Fascher, Prophetes, p.13. Compare also the summary of Krämer, art. Cit., p. 790, cited above, and that of Crone, Prophecy, p. 37: “Its primary reference is to the function of announcing or proclaiming the answer of the god to the enquirer whether directly or indirectly”; Cf. A magnífica síntese apresentada por E. D. Aune, “while the term mantis is not synonymous with the terms prophetes, hyprophetes or promantis (not every mantis is a prophetes, though every prophetes is a mantis)”.

²⁰²TURNER, M., “Spiritual Gifts Then and Now”, in VoxE, Vol. XV, 1985. 10. O grifo é acréscimo pessoal. “we can base no conclusions on the results of study of Word-formation or etymology... we are only interested in ... what the words meant in Paul’s day and **revelation**”.

profecia cristã primitiva, profecia e oráculos no mundo greco-romano, devemos buscar no fenômeno da profecia mesma, preferencialmente aqueles chamados de profetas, em torno das quais tentativas devem ser organizadas.

O trabalho de C. Forbes é um valioso instrumento na compreensão da inserção cultural do termo *προφήτης* no cristianismo primitivo. Porém, é perceptível a ausência em sua obra de outro ambiente do Novo Testamento. Embora essa lacuna seja compreensível, é inegável a necessidade de um estudo que complemente sua pesquisa, mas, sobretudo, que ressalte a complexidade e amplitude do contexto profético neotestamentário, em particular, aquele oriundo da vivência profética do Apocalipse de João.

Estaria aqui a causa da redução ou banimento institucional da figura do *προφήτης* neotestamentária, por estarem muito próximos dos falsos profetas, já existentes na cultura helenística, ou tratar-se-ia apenas da problemática situação do encerramento do cânon bíblico? O Profeta cristão, a partir do Apocalipse de João, expressa sua autoridade, em particular, oriunda do âmbito do cristianismo primitivo ou do mundo circunvizinho na sua interseção com contextos culturais diversos, teria influenciado sua estrutura e composição?

2.2.4

R. Bauckham

R. Bauckham²⁰³ considera o Apocalipse de João um exaustivo trabalho, especialmente, por sua meticulosa estrutura literária, inegável imaginação criativa, sua crítica radical ao sistema político e profundidade teológica. Diante desta magnífica obra, o Apocalipse de João, sobressaem, em especial, quatro tópicos, indispensáveis para a sua compreensão²⁰⁴.

Em primeiro lugar, definitivamente se deve acentuar a composição literária do livro como um elemento essencial ao seu entendimento. Principalmente,

²⁰³BAUCKHAM, R. *The climax of prophecy. Studies on the book of Revelation*, Edinburgh, T&T Clark, 1993; Idem, *La teologia dell'Apocalisse*, (Trad. It. The Theology of the book of Revelation, Cambridge, Cambridge, 1993), Brescia, Paideia, 1994.

²⁰⁴BAUCKHAM, R., Op. cit., p. ix. Em sua introdução, o autor exalta a qualidade do livro como um todo, porém expressa a ausência de um estudo mais extenso, semelhante ao desenvolvido em relação aos evangelhos e às cartas de Paulo, sobretudo, inseridos no contexto literário e histórico, procurando investigar com profundidade a sua forma e mensagem.

devido ao seu caráter meticoloso, ao descrever com detalhes suas imagens, inseridas na linguagem estrutural do conjunto²⁰⁵.

Atualmente, alguns pesquisadores têm dedicado uma atenção a reorganizar a pesquisa em torno da unidade literária e ideológica do livro²⁰⁶. Sua característica literária é, para alguns, ampliada através do uso da técnica exegética judaica contemporânea e de escritos Apocalípticos, sendo, contudo, para outros, entendida como um estilo próprio e genial do autor²⁰⁷.

Em segundo lugar, o uso implícito ou explícito das fórmulas, imagens, idéias oriundas dos textos do AT. são essenciais e chaves de leitura para decifrar o contexto do Apocalipse de João. Sua leitura deve ser constantemente conectada ao AT., isto é, trata-se da releitura dimensionada pelo autor. O eixo profético assume dentro do livro um papel fundamental, tendo em vista o propósito de João em escrever um livro profético²⁰⁸.

Em terceiro lugar, o livro é um Apocalipse. No entanto, o seu contexto literário primário encontra-se ligado à tradição judaica e cristã. Essas duas tradições são integradas na estratégia da composição literária, ainda mais quando se relaciona à literatura Apocalíptica, a sua influência é inegável, seja na estrutura formal ou até mesmo pelo desenvolvimento do conteúdo. Desde o mais significativo trabalho, ou seja, a obra de R.H. Charles, insignificante atenção tem sido dada à comparação e ao contraste entre essa literatura e o Apocalipse de João, ou ainda, a definir uma convenção literária que englobe o conjunto de Apocalipses presente na literatura bíblica e extra-bíblica²⁰⁹.

Em quarto lugar, o Apocalipse de João tem um significativo papel na intertextualidade (em relação o AT.), mas também na sua contextualização, ou seja, na sua integração com o mundo contemporâneo. Portanto, de um lado, é preciso aprofundar o contexto existencial do autor e de seus leitores, pois isso

²⁰⁵Ibid., p. 1-37.

²⁰⁶VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, Roma, Herder, 1971; Idem, L'Apocalisse johannique: état de la question, in LAMBRECHT, J. (ed), *L'Apocalyptique johannique et l'Apocalyptique dans le Nouveau Testament*, **BETHL 53**, Leuven, University, 1980, 21-46; FIORENZA, E.S., *The book of Revelation: justice and judgment*, Philadelphia, Fortress, 1985.

²⁰⁷BAUCKHAM, R., Op. cit., p. xi.

²⁰⁸BAUCKHAM, R., Op. cit., p. ix "frequently in these essays we shall and that passages regularly misunderstood by the commentators can be correctly understood when the Old Testament allusions are identified and John's interpretation of the Old testament reconstructed in terms of Jewish exegetical practice".

²⁰⁹BAUCKHAM, R., Op. cit., p.xii "The creative individuality of such examples of the genre is often obscured by secondhand generalizations about Apocalyptic literature not based on firsthand acquaintance with that literature".

descaracterizaria um de seus objetivos, uma crítica profética enfática ao sistema sócio-político-econômico vivido nos primeiros séculos, além de convidar seus leitores a serem testemunhas da verdade e do reino de Deus, crítica inserida nesta circunstância específica. Por outro lado, ela não pode ser reduzida a uma simples aplicação da teoria sociológica, com uma função sociologicamente determinada.

Em resumo, há a necessidade de aprofundar exaustivamente o contexto político e histórico para assegurar uma interpretação mais próxima do propósito do ‘profeta-autor’ do Apocalipse.

R. Bauckham se propõe a analisar o Apocalipse de João, a partir do viés profético. Embora esse deva ser interligado ao clímax da tradição profética veterotestamentária, deve, sobretudo, exaltar o evento Jesus Cristo na sua função de mensageiro dos segredos divinos, ou melhor, da ação de Deus para com a humanidade e a história²¹⁰.

2.2.5

Outras contribuições

Ao longo da história, U. Vanni dedicou-se a pesquisar o Apocalipse de João. Seu trabalho se desenvolveu em duas linhas: a primeira na dimensão literária do texto; a segunda aprofunda e defende a interação do Apocalipse joanino à escola joânica, isto é, ao texto do Apocalipse de João como pertencente ao conjunto dos escritos joaninos (Evangelho, as três cartas e o Apocalipse de João).

Dentre as inúmeras contribuições de U. Vanni²¹¹, sobressaem as duas orientações de tese, na qual os autores desenvolvem suas pesquisas no aprofundamento dos elementos de contato entre a tradição joânica e o texto do Apocalipse de João, assumindo, no entanto, como fio condutor a dimensão profética: a tese de P.P.A. dos Santos, intitulada: *Do espírito da verdade ao espírito da profecia: o Espírito Santo em contato direto com a vida eclesial no*

²¹⁰Ibid., p. xvi

²¹¹VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, Roma, Herder, 1980²; Idem., *L'Apocalisse – ermeneutica, esegesi teologia*, Bologna, Devoniare, 1988; Idem., *Apocalisse e Antico Testamento: una sinossi*, Roma, PUG, 1987; Idem., *Il ‘giorno del Signore’ Ap 1,10, giorno di purificazione e di discernimento*, **RivB** 57, 1976, 453-467; *Resegna bibliografica sull'Apocalisse (1970-1975)*, **RivB** 24, 1976, 277-301.

âmbito do *movimento joanino*²¹²; a tese de F. Colunga, intitulada: *La profecia del Apocalipsis, ¿dónde está su originalidad?*²¹³. O segundo passo será expor brevemente os elementos fundamentais dessas pesquisas.

P.P.A. dos Santos se propõe a aprofundar o ‘Espírito da profecia’ em comparação com o Evangelho de João. Sua obra se estrutura em quatro capítulos:

1. o movimento joanino: status quaestionis;
2. o ‘Espírito da verdade’ no IV Evangelho;
3. o ‘Espírito da profecia’ Ap 19,10;
4. síntese teológico-bíblica: traços fundamentais do dinamismo do Espírito no âmbito do movimento joanino.

A partir dessa estrutura, o autor desenvolve sua pesquisa de âmbito comparativo com ‘escola joanina’, além de descrever a interligação do IV Evangelho com o Apocalipse de João. Merece, contudo, destaque o exame metucioso realizado sobre o fenômeno profético no Apocalipse²¹⁴.

F.P. Colunga procura descrever a originalidade do autor do Apocalipse de João. Sua análise principia-se em Ap 1,1-3, no qual afirma ser um provável início profético, por estabelecer uma ligação, em linhas gerais, com os profetas veterotestamentário (Am 1,1; Jr 1,1; Ez 1,1). No Ap 1, 3, corresponde ao dativo plural de 1,1 ‘a seus servos’. Ao expressar ‘servos’ aos seus discípulos (Jo 3,16; 15,20; Ap 1,1), está sinalizando para uma função profética, para ser mensageiro enviado a dar testemunho (Jo 15,27)²¹⁵.

Com palavras-chave: Palavra-Testemunho-Espírito-Profeta-Profecia, o autor do Apocalipse de João delimita com precisão o seu itinerário. Isso vem

²¹²SANTOS, P.P.A., *Do espírito da verdade ao espírito da profecia: o Espírito Santo em contato direto com a vida eclesial no âmbito do movimento joanino*, Roma, PUG, 1997; Idem, *A profecia cristã no Novo Testamento: uma tentativa de reconstrução do fenômeno da profecia no cristianismo primitivo*, **AtuaT 67**, 2000, 71-101; Idem., *O Apocalipse de Jesus Cristo. Testemunho e Espírito de profecia. A tradição e a Eclesialidade joanina como fonte e testemunho na busca de traços do Cristianismo primitivo?* **AtuaT 8**, 2001, 39-57.

²¹³COLUNGA, F.P., *La profecia del Apocalipsis, ¿dónde está su originalidad?*Roma, PIB, 1999.

²¹⁴FEKKES III, J., *Isaiah and prophetic traditon in the Books of Revelation*, JSNTSup. Series 93, Sheffield, 1994; COTHENET, E., *L’esprit de prophetie dans le ‘corpus’ johannique*, in **DBSup VIII**, 1972, 1315-1331.

²¹⁵ISAACS, M, *The prophetic Spirit in the Fourth Gospel*, **HeyJ 24**, 1983, 391-407.

confirmado pelo uso da fórmula ‘Του λόγου του Θεου’, trata-se de um termo técnico para expressar a experiência profética (Ap 1,19; 4,1)²¹⁶.

2.3

Conclusões

Ao longo do desenvolvimento do capítulo, “O estado da questão”, preocupamo-nos em investigar, com muita cautela e cuidado, os principais pontos da intrincada interação entre o âmbito apocalíptico e profético, circunscritos no Apocalipse joanino.

Constatamos avanços significativos nas pesquisas que alcançaram um grau de maturação satisfatório nas últimas décadas. No âmbito da pesquisa apocalíptica, em particular, em relação aos escritos datados entre III a.C. e II d.C., e entre esses escritos integra-se o Apocalipse joanino. Neste percurso, notam-se, por diversas vezes, as mudanças ocorridas durante o progresso das pesquisas, até mesmo, alguns redirecionamentos na concepção e conceituação dessa temática.

O progresso da pesquisa apocalíptica obteve um saldo importante com a descoberta dos documentos de Qumrân. Porém, por outro lado, o eixo profético-apocalíptico do Apocalipse joanino foi gradativamente relegado ao segundo plano neste campo, seja pela falta de clareza metodológica, seja por enrijecimento das pesquisas exegéticas.

Diante dessa constatação, fica óbvio que a necessidade de um resgate da dimensão profético-apocalíptica é preponderante na retomada das pesquisas exegéticas, em particular, do livro do Apocalipse joanino. Assim sendo, pontuamos os principais autores que se dedicaram a reconduzir a pesquisa. Permite-se, atualmente, falar de outro eixo de investigação no campo da teologia bíblica: potencializar a descrição profético-apocalíptica circunscrita no livro do Apocalipse joanino. Desde E.D. Aune até os mais recentes pesquisadores, tais como U. Vanni, P.P.A. Santos, F. Colunga, foi possível demonstrar a evolução peculiar da força profético-apocalíptica presente no cristianismo primitivo, mas, sobretudo, no Apocalipse joanino.

²¹⁶BULLINGER, E., *Commentary on Revelation*, Grand Rapids, 1984, 62.

Em continuidade a essa linha, sentimos ainda a ausência de um estudo profundo que vislumbresse a maestria do ‘autor-profeta’ em sua composição literária, por possibilitar encontrar, na mesma composição, as peculiaridades da linguagem profética cristã e apocalíptica, sem se perder no contexto cultural mais amplo; neste caso, a cultura greco-romana. No entanto, os progressos obtidos não contemplam, até o momento, toda a dimensão contextual oriunda dessa inter-relação. Nesse caso, pode-se citar todo o redirecionamento que causaria um estudo que se propusesse a investigar e comparar o âmbito profético-apocalíptico do Apocalipse joanino com a comunidade apocalíptica de Qumrân. A nossa contribuição circunscreve-se prioritariamente no âmbito próprio do eixo profético-apocalíptico do Apocalipse joanino. Para essa tarefa, dispomos de vários textos; optamos, no entanto, por enveredar-nos no livro do Apocalipse pelo capítulo 10. Neste, é possível pontuar os elementos profético-apocalípticos, mas, ao mesmo tempo, adentrar na dimensão profético-cristológico-escatológica em sua obra literária, além de permitir individuar os elementos peculiares dos dois âmbitos.